

WELLINGTON CARVALHO MARIANO

**ENTRE DOIS MUNDOS:  
A DUALIDADE DE GUEDALI EM O CENTAURO NO  
JARDIM DE MOACYR SCLiar**

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA  
COGEAE  
PUC-SP

SÃO PAULO  
2010

WELLINGTON CARVALHO MARIANO

ENTRE DOIS MUNDOS:

A DUALIDADE DE GUEDALI EM O CENTAURO NO JARDIM DE MOACYR SCLIAR

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Literatura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Cogeae) sob a orientação do Prof. Dr. Erson Martins de Oliveira.

SÃO PAULO

2010

Dedico este trabalho,  
À minha esposa Daniela Mariano.  
Aos meus pais Jorge e Neide Mariano.  
À minha irmã Shirley Lacerda.  
Ao meu irmão Winderson Mariano.  
À família, célula social primária e basilar.

## **AGRADECIMENTOS**

À D'us, porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

Ao escritor e médico Moacyr Scliar pela brilhante obra e colaboração à literatura brasileiro-judaica.

Aos professores do curso de Especialização em Literatura, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Erson de Oliveira Martins pela paciência, presteza, estímulo e organização de idéias.

A todos meus amigos e colegas de curso de Especialização em Literatura, em especial Walter Gusmão, Pilar Santos, Felipe Mizukani, Fabiana Martins e Samuel Sasso.

Ao amigo Arthur Bittencourt, pelas intermináveis discussões que me foram mais que esclarecedoras.

Ao amigo Eduardo Glória, por me substituir nas aulas de Teologia e me proporcionar mais tempo para que eu pudesse me dedicar aos estudos literários.

A todos que, direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste projeto.

“Estávamos tão preocupados em salvar nossos corpos que quase perdemos nossas almas” (Autor Desconhecido)

## RESUMO

A presente monografia intitulada “Entre dois mundos: a dualidade de Guedali em *O Centauro no Jardim* de Moacyr Scliar”; ambiciona tentar compreender as inúmeras facetas da crise identitária vivida pelo personagem e narrador do romance em questão.

A crise identitária é um tema judaico expresso em inúmeras obras, tal como em *A Metamorfose*, de Kafka, e de maneira semelhante, mas com elementos culturais brasileiros, Moacyr volta a dialogar com a questão, e o faz magistralmente.

Este estudo aborda de numerosas maneiras como a crise de identidade de Guedali é experimentada, trazendo à tona não apenas a condição judaica, mas também pelo ponto de vista da identidade do indivíduo pós-moderno.

O objetivo geral é estudar a identidade do personagem, e, de maneira específica, analisar essa identidade centrada em mundos diversos e ainda fazer a relação do problema identitário com a perda do poder de enunciação.

O primeiro capítulo trata da questão da identidade da personagem judaica na história e na literatura, fundamentado teórica e basicamente por Deutscher, uma das maiores autoridades em estudos judaicos.

O segundo capítulo trata mais especificamente da literatura do autor Moacyr Scliar e da sua relação com a crítica nacional e internacional. É feito uso de grandes pesquisadores, tanto do Brasil como do exterior, versados na obra de Scliar, destacando nomes como Nelson H Vieira, titular de literatura portuguesa brasileira na Brown University, EUA, Berta Waldman, Regina Igel etc.

O terceiro e último capítulo, fazendo uso de teóricos como Paul Ricœur, Tzvetan Todorov e Stuart Hall, dissecar a construção romanesca feita a partir da memória, da literatura fantástica e alegoria e metaforização do centauro em suas inúmeras metamorfoses, pois a personagem, à semelhança do homem, comporta múltiplas interpretações.

**Palavras-chave:** personagem, dualidade, identidade, judaísmo e diáspora.

## ABSTRACT

The present monograph entitled “Between two worlds: the duality of Guedali in *The Centaur in the Garden* by Moacyr Scliar, longs to try to understand the numerous facets of the identity crisis experienced by the character and narrator of the novel in question.

The identity crisis is a Jewish theme expressed in several works, such as *The Metamorphosis*, by Kafka, and likewise, but with Brazilian cultural elements, Moacyr Scliar brings the issue back into discussion and does it masterly.

This paper tackles the plurality of how Guedali’s identity crisis is experienced, bringing about not just the Jewish condition, but also the identity of the post-modern man.

The general goal is to study the identity of the character, and, in a specific way, to analyze this identity centered on diverse worlds and still relate the identity issue to the loss of power of enunciation.

The first chapter deals with the identity of the Jewish character in history and in literature, theoretically and basically grounded by Deutscher, one of the foremost authorities in Jewish studies.

The second chapter talks more specifically about Moacyr Scliar’s literature and his relation regarding the national and international critique. Great researchers knowledgeable in the works by Scliar from Brazil and abroad, such as Nelson H Vieira, University Professor of Portuguese and Brazilian Studies and Fellow in Judaic Studies at Brown University, USA, Berta Waldman, Regina Igel etc are used here.

The third and last chapter, having being theoretically grounded by Paul Ricœur, Tzvetan Todorov and Stuart Hall, dissects the novel construction done through memory, magical realism and allegory and metaphorization of the centaur in its several metamorphosis, for the character, similar to man, holds multiple interpretations.

**Keys-words:** character, duality, identity, Judaism and diaspora.

## SUMÁRIO

|                                                                      |           |
|----------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Introdução.....</b>                                               | <b>10</b> |
| <br>                                                                 |           |
| <b>Capítulo I – A Identidade da personagem judaica.....</b>          | <b>11</b> |
| 1.1 Uma questão de história.....                                     | 11        |
| 1.2 Um motivo literário.....                                         | 16        |
| <br>                                                                 |           |
| <b>Capítulo II – O escritor Moacyr Scliar.....</b>                   | <b>26</b> |
| 2.1 Uma literatura em busca de identidade.....                       | 26        |
| 2.2 A crítica frente a Moacyr Scliar.....                            | 32        |
| 2.2.3 A crítica internacional.....                                   | 36        |
| <br>                                                                 |           |
| <b>Capítulo III – O Centauro no Jardim – Uma obra alegórica.....</b> | <b>38</b> |
| 3.1 Alegoria do centauro.....                                        | 38        |
| 3.2 Construção romanesca da narrativa.....                           | 48        |
| <br>                                                                 |           |
| <b>Considerações Finais.....</b>                                     | <b>60</b> |
| <br>                                                                 |           |
| <b>Referências Bibliográficas.....</b>                               | <b>62</b> |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar e discutir as múltiplas dualidades vividas pela personagem centauro Guedali em *O Centauro no Jardim* de Moacyr Scliar.

O escritor Moacyr Scliar é aclamado pela crítica nacional e internacional como um dos mais importantes autores brasileiros da atualidade, fato esse comprovado no ano de 2009 com dois Prêmios Jabutis, melhor ficção do ano e melhor romance com o livro *Manual da Paixão Solitária*. É o único escritor brasileiro a prefigurar entre as cem melhores obras modernas de temática judaica de todo o mundo escrita nos últimos duzentos anos, de acordo com o National Yiddish Book Center, EUA, cujo livro premiado é o objeto de estudo desse trabalho.

A literatura brasileiro-judaica é muita rica e premiada, porém os núcleos voltados para esse segmento não são muitos, o que faz com essa literatura seja negligenciada e seus estudos escassos em muitos centros acadêmicos.

A metodologia utilizada foi a de relacionar a crise identitária da personagem com a condição judaica, reflexo de suas diásporas, e com isso apresentar o estado de desenraizamento das personagens imigrantes e, mais especificamente, os descendentes de imigrantes judeus.

O trabalho apresenta uma grande variedade de interpretações das dualidades vividas pela personagem centauro, relacionando essa dualidade e biculturalismo em suas diversas facetas alegóricas, inclusive em sua relação com o problema de identidade e fragmentação do homem pós-moderno.

A crise identitária judaica é analisada desde a sua fundação literária bíblica até a contemporaneidade, pincelando os momentos históricos mais importantes vividos por esse povo milenar. De mesma sorte, a extensa literatura produzida desde essa época é apresentada como pano de fundo para um melhor entendimento do que se trata um texto literário de temática judaica.

A partir do entendimento da história e literatura do povo judeu podemos então degustar a fonte da qual o autor bebe e é herdeiro, de maneira que possamos entender a classe literária à qual pertence, sua temática e importância.

Por fim, apresentadas e analisadas as dualidades da personagem centauro, analisamos estilisticamente a confecção do romance, contrapondo a dualidade da personagem com a dualidade de narradores e perda de enunciação com a perda de identidade.

# 1 – A IDENTIDADE DA PERSONAGEM JUDAICA

## 1.1 UMA QUESTÃO DE HISTÓRIA

Posto que essa monografia objetiva estudar a identidade dual de Guedali em *O Centauro no Jardim*, uma personagem fortemente caracterizada por sua origem e identidade judaicas, faz-se necessário uma apresentação da identidade da personagem judaica.

A literatura de um povo freqüentemente é descrita como o espelho de sua alma. Pois na literatura se reflete suas expressões, ideais, lutas, aspirações, derrotas e conquistas. A relação da história com a literatura entrelaça a ação externa com o motivo interior. O simples e mero relato das ações e feitos de um povo é conhecido como história, já a literatura é a manifestação do pensamento, das idéias, da emoção, uma espécie de ponte que liga uma série de fatos históricos e culturais, um mergulho na mente das pessoas que viveram e experimentaram determinadas situações em fases históricas diferentes.

Falar da história do povo judeu é falar do próprio curso da história, pois, embora haja povos e culturas historicamente mais antigos que eles, foi o povo judeu, no entanto, que conseguiu atravessar o curso da história mantendo uma espécie de unidade cultural que poucos povos conseguiram realizar tal feito.

A literatura judaica é vasta e profunda, abrangendo um período histórico invejável, talvez a mais extensa em termos de fases literárias em comparação com todas as outras nações, se é que podemos classificar os judeus como nação no sentido que a definição é comumente entendida.

Outro grande trunfo da história judaica é a compilação e preservação de materiais e objetos relacionados à sua religião, cultura, prática, pensamento, filosofia, ética etc. A literatura judaica é, com razão, em sua essência, conhecida como uma literatura religiosa e/ou mítica, mas após essa longa fase “bíblica” existe uma infinidade de gêneros que discutem e dialogam com a religião e outros gêneros literários que fazem parte da literatura mundial, pois a história judaica não possui limites geográficos, e, conseqüentemente, a literatura judaica também não.

Possuir um conhecimento mais amplo e profundo da história judaica proporciona ao leitor uma visão mais acurada e detalhista de certas marcas perceptíveis aos mais sensíveis. Portanto, ter um conhecimento histórico prévio, ainda que não tão profundo, facilita o saborear dessa rica literatura produzida pela mentalidade e pensamento judaico que entrelaça sua história com sua literatura, uma espécie de literatura histórico-ficcional.

A história judaica foi e é escrita por diversas nacionalidades, e por isso, ela é linguisticamente rica. A literatura judaica foi escrita por inúmeras línguas antigas e continua sua representação no rol das línguas contemporâneas, e, hoje, embora nem todos os judeus falem o inglês, é praticamente consenso que essa é a língua na qual os judeus expressam não apenas a perpetuação da história dessa etnia, como também das manifestações literárias diversas, como descreve Nicholas de Lange no livro *El Judaísmo* (p.30).

O calendário judaico, atualmente no ano de 5770, atesta a longevidade dessa nação que, ao contrário das demais, não escolheu uma ruptura ou um recomeço em seu calendário a partir de certo momento histórico importante, tal como fizeram as nações com o advento do nascimento de Cristo, mostrando a importância de uma continuidade.

Os judeus são uma nação de tradição, cultura e característica milenares, e dentro das inúmeras facetas do judaísmo, gostaria de enfatizar a diáspora, pois os judeus são o povo da diáspora, se consideram descendentes de Abraão, o primeiro judeu<sup>1</sup>, fundador do judaísmo, ancestral físico e espiritual do povo judeu e um dos três patriarcas do judaísmo. Abraão foi o pai de Isaque e Isaque o pai de Jacó, sendo que o último, segundo a Torá, teve o seu nome mudado para Israel, nome da atual nação dos descendentes de Abraão. Israel teve dez filhos e dois netos, totalizando doze tribos<sup>2</sup>, estas que, como uma forma de estados, compuseram a

---

<sup>1</sup> Abraão é considerado o primeiro judeu exatamente por ser o primeiro monoteísta. Mas o fato de ser monoteísta faz dele, também, o pai de todos os muçulmanos. Nesse quesito, tanto judaísmo quanto o islamismo têm em Abraão a sua origem.

<sup>2</sup> As tribos que vieram a formar o estado de Israel, de acordo com o livro de Gênesis, são: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Zebulom, Issachar, Dã, Gade, Aser, Naftali, José e Benjamim.

nação dos israelitas. Algum tempo depois da formação de Israel, a nação deixou de ter uma organização tribal e passou a ser uma monarquia.

A monarquia em Israel aconteceu sob os reinados de Saul, Davi e Salomão, reis que reinaram em um reino unificado, mas após o reinado de Salomão houve um conflito e este conflito leva a uma divisão no reino, de sorte que Israel passa a constituir duas monarquias distintas. Uma monarquia é chamada de Reino do Norte ou Israel, cuja capital passa a ser Samaria e que é formada por dez das doze tribos. A outra monarquia passa a ser chamada de Reino do Sul ou Judá, cuja capital é Jerusalém, formada por duas tribos, Judá e Benjamin.

Embora o conceito da diáspora judaica seja bem posterior a Abraão, este possui marcas ou uma espécie de presságio do que haveria de acontecer aos seus descendentes, sendo ele um próprio exemplo de pessoa que teve de abandonar sua terra natal como pré-requisito para ser abençoado por D'us, pois, segundo a Torá, a promessa feita a Abraão por D'us exigia a diáspora. “Ora, o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção” (Gn.12.1-2). Desde Abraão o povo não mais parou de experimentar a dispersão e isso lhes foi imputado como marca, marca esta que seria solidificada algum tempo mais tarde com a conquista de Israel, o chamado Reino do Norte, pela nação Assíria no ano 722 da Era Comum, sendo muitos privados da sua terra.

A dispersão dos descendentes de Abraão no Reino do Norte, Israel, foi tamanha que estes são referidos hoje, por muitos estudiosos, como as dez tribos perdidas de Israel, pois em seus exílios foram assimilados de tão maneira que não há mais consenso em termos de remanescentes, cabendo a especulação o que teria, de fato, acontecido com esses hebreus.

No ano de 586 EC o Reino do Sul, Judá, composto pelas tribos de Judá e Benjamin, teve destino igual ao do Reino de Norte, e foi conquistado pelos Babilônios no evento conhecido como o cativeiro babilônico onde muitos dos judeus foram levados cativos para Babilônia ou fugiram para o Egito, Síria, Mesopotâmia ou Pérsia. E a partir dessa época o povo judeu, ou seja, as pessoas pertencentes à tribo de Judá, passou a viver sob o domínio de outras nações, pois, após o cativeiro

abilônico, embora o povo judeu tenha conquistado o direito de voltar a sua terra, jamais voltou a gozar de autonomia, pois, após o domínio da Babilônia, viveu sob o domínio dos Medos, Persas, Grécia e Roma, onde, no ano 70 EC, Jerusalém, ainda que sob domínio romano, foi destruída, e os remanescentes judeus que ali viviam foram dispersados pelo mundo, somente voltando a ter autonomia sobre o país, Israel, no ano de 1948, na criação do estado moderno de Israel.

Os judeus são, portanto, uma nação dispersa. Vivem em países diversos, e, na esmagadora maioria, são numericamente inferiores. São pertencentes a inúmeros grupos étnicos, lingüísticos e culturais diversos, mas que mesmo vivendo sob as mais abundantes diferenças e influências, conseguem preservar e manter uma espécie de unidade e singularidade. São o único povo a desenvolver uma noção de “nacionalidade” que não está atrelada ao espaço geográfico e/ou uma língua em comum. O que os une, em resumo, é o fato de nascerem de mãe judia aliado a um sentimento de estreita ligação com seus antepassados. “Pesada ou não, eu nunca duvidei de minha condição judaica. Não tinha como: é de berço”. (SCLIAR & SOUZA, p. 27). Neste sentido, os judeus se consideram como se eles mesmos tivessem sido libertos do cativeiro egípcio e babilônico, que fizeram a travessia do Mar Vermelho, estiveram ao pé do Monte Sinai à espera de Moisés quando este recebeu de D’us as tábuas da lei, que lutaram na revolta dos Macabeus, enfim, em todos os grandes e significantes eventos que marcam a história deste povo singular.

Religião? Eu sou ateu. Nacionalismo judaico? Sou internacionalista. Dessa forma, em nenhum dos dois sentidos sou judeu. Sou judeu, entretanto, pela força da minha incondicional solidariedade aos perseguidos e exterminados. Sou judeu porque sinto a tragédia judaica como minha própria tragédia; porque sinto o pulsar da história judaica; porque daria tudo o que pudesse para assegurar aos judeus auto-respeito e segurança reais e não fictícios. (DEUTSCHER, 1970, p. 49).

O judaísmo é uma marca indissolúvel. No meu caso, não tem nada a ver com religião, porque religioso não sou. Não tem nada a ver com o vago e infame conceito de raça... Agora: tenho uma história. Uma história pessoal que, nos meus sessenta e alguns anos, já se me afigura quase como um testemunho da história deste século. Trata-se, de outro lado, de uma história grupal. Sou parte de uma longa corrente humana formada desde os tempos bíblicos até nossos dias, a corrente do judaísmo. Isto é, acho que sou parte dela. (SCLIAR & SOUZA, 2000, p. 26, 27).

Assim sendo, o que une os judeus não é uma crença ou religião, como pensa ser a maioria, mas uma história em comum, uma origem, ancestralidade e destino compartilhado por pessoas de eras e lugares diferentes, e por mais disperso que esse povo possa estar, espalhado por continentes e países diferentes, há um sentimento de unidade preservado, uma marca, a judaicidade, um sentimento de pertencência.

Que eu nunca rejeitei. Não poderia ter rejeitado, ainda que quisesse. O judaísmo é uma marca indissolúvel, não pela prática religiosa, no seu caso, ou por características físicas destacadas pelo preconceito, mas porque tenho uma história. Uma história pessoal...(e)...uma história grupal. Sou parte de uma longa corrente humana formada desde os tempos bíblicos até nossos dias, a corrente do judaísmo... A condição judaica não depende uma análise de DNA. Resulta de um sentimento de pertencência. Reconheço-me nos milhões de seres humanos com quem partilho tal condição: sofri com aqueles que foram perseguidos, morri com aqueles que foram exterminados, mas orgulho-me daqueles que deram a sua contribuição à humanidade, nas artes, na ciência, na literatura, na política. Não acredito que alguém possa ser indiferente ao seu judaísmo, nem mesmo num país como o Brasil, em que identidades freqüentemente se desfazem naquilo que é chamado de geléia geral. A marca judaica pode tornar-se tênue, mas não se desfaz. (SCLAR & SOUZA, 2000, p.8)

## 1.2 UM MOTIVO LITERÁRIO

A cultura judaica é de grande e profunda tradição literária. A palavra escrita sempre teve um papel de extrema importância dentro da cultura judaica. Os judeus conferiram ao livro o status de sagrado, transcendente, iluminado. As letras, no judaísmo, são motivo de muito respeito e veneração. O serviço religioso realizado nas sinagogas é embasado na exibição, leitura e exposição de um texto sagrado. Em se tratando da Torá, a lei dos judeus, há rituais para a cópia desse livro, que é escrito em pergaminho de couro animal, pena e tinta. A cópia só pode ser realizada por uma classe de pessoas altamente treinadas e separadas para tal, os escribas, e mesmo estes, no processo de cópia, que deve ser seguido à risca, qualquer letra a mais ou a menos, falhada e/ou apagada, invalida todo o processo. Quando um rolo da Torá fica pronto para ser utilizado, uma celebração é realizada. Assim como o livro sagrado judaico é recebido com festas, por meio de uma cerimônia, assim também, quando um livro sagrado for inutilizado, corrompido ou comprometido de alguma maneira, este deve ser queimado em uma cerimônia desenvolvida para tal.

Um lar judeu contém livros. Ter livros em abundância e em alta estima é uma característica dos lares judaicos, e isso mesmo quando os povos e culturas circunvizinhos não possuíam essa cultura. Um dos mandamentos contido no livro sagrado hebraico é exatamente que ele seja estudado dia e noite, sentado ou a sair, e que ao fazer isso a pessoa fará prosperar o seu caminho e será bem sucedida.

Dentre os livros fundamentais para os judeus está a Tanakh, que corresponde ao Antigo Testamento dos cristãos, mas que para os judeus é o único testamento. Além da Tanakh, outra obra literária importante dos judeus é o Talmude, uma compilação de textos basilares do judaísmo rabínico, dividida em dois textos entrelaçados, a Mishná, obra mais curta, que abrange os primórdios do rabinato e a Guemará, obra mais longa, que apresenta os debates dos rabinos posteriores. Além desses livros, o Midrash, compilação de estudos, passagens, sermões, comentários e explicações do livro sagrado judaico, também é uma obra bastante difundida, isso sem falar no Zohar, compilação literária de ensinamentos passados de geração a geração, os ensinamentos cabalísticos.

Embora os livros acima citados tenham uma conotação religiosa, engana-se quem acredita que os judeus possuem admiração apenas por livros sagrados, pois o respeito pelo livro não está estrita ou exclusivamente atrelado aos livros sagrados, mas aos livros de todas as classes e gêneros.

Com a invenção da imprensa por Gutemberg, os livros judeus prefiguraram entre os primeiros livros que foram impressos em larga escala, sendo que em muitos lugares as imprensas judias foram pioneiras. Ainda hoje, mesmo a leitura sendo tão disseminada entre vários povos, os judeus se destacam nas áreas literárias como escritores, editores, professores e leitores.

Nas diásporas judaicas, quer sejam elas involuntárias ou voluntárias, não era possível, claro, poder levar muitos dos elementos físicos que faziam parte de sua história e cultura, sendo que a grande maioria desses elementos acabava tendo de ficar para trás quando o povo tinha de se deslocar para outro lugar. Foi exatamente nesse contexto que a veneração ao livro nasceu, pois assim poderiam levar consigo todos os elementos culturais que não podiam ser carregados fisicamente em virtude e em consequência das viagens. Com os livros, nada culturalmente importante era perdido ou esquecido, e por meio do livro, aquela história ou fato era disseminado.

A população judia é, atualmente, de predominância urbana, e embora essa seja uma tendência mundial para todos os povos, os judeus começaram a sua diáspora do campo para os grandes centros urbanos em um período bem anterior a essa tendência contemporânea. Embora seja difícil precisar os motivos que levaram o povo judeu a tal comportamento, é de consenso que os judeus, em diversas fases da história foram privados de sua terra, e conseqüentemente, com o passar dos anos perderam a habilidade de trabalhar a terra. As freqüentes ondas anti-semitas enfrentadas pelos judeus em diversas partes do globo fizeram com que o povo fosse capaz de mobilidade e adaptação, e isso também levou os judeus a serem profissionais liberais, profissionais que pudessem levar esse conhecimento para onde quer que se dirigissem ou fossem forçados a ir.

Na década de 1920, os bolcheviques começam a encorajar os judeus a se dedicarem à terra, em colônias judaicas na Criméia, em Kherson e no Birobdjan. Visitei aquelas colônias na época e testemunhei o extraordinário esforço que alguns 'goyin' idealistas e alguns judeus entusiastas faziam para transformar, pelo menos parte da população, em bons fazendeiros. Fizeram-se consideráveis investimentos e tremendo empenho nessa tarefa de mudar a mentalidade *Luftmenshen*. Esperava-se que eles se libertassem da arte e dos truques do pequeno comércio e, vagarosamente, fossem aprendendo a arte de arar e lavrar o solo. Mas, todos esses esforços de transformar comerciantes em fazendeiros falharam. Os judeus simplesmente não estavam preparados para esta quebra de rotina, para tão radical e completa mudança no seu modo de vida. Mesmo hoje, em Israel, apenas a minoria vive da terra, nos Kibbutzim; a grande maioria dos judeus ainda se dirige para as cidades e prefere formar uma população urbana a trabalhar como camponeses<sup>3</sup>. Não é de admirar. Durante séculos, os judeus foram habitantes de cidades e a tradição urbana tornou-se segunda natureza para eles. (DEUTSCHER, 1970, p. 64).

Assim, portanto, os judeus passaram a ser mais urbanos do que camponeses. As profissões urbanas, em média, pagam melhores do que as camponesas, mas ao mesmo tempo exigem mais conhecimento, cultura e literariedade do que as profissões camponesas. Mas não foi apenas a questão financeira que impeliu o povo judeu a ser mais letrado, pois há, na cultura judaica a questão religiosa que é de suma importância.

---

<sup>3</sup> Em Israel, em 1965, mais de dois milhões de judeus viviam nas cidades e apenas 267.000 no campo.

A religião judaica, diferente da grande maioria das religiões primitivas, dos primórdios da idade média, exigia o letramento. Para ser um judeu em consonância com os preceitos da lei judaica a pessoa precisaria ler a Torá quatro vezes por semana nas reuniões religiosas: a saber, duas vezes no sábado e uma vez na segunda-feira e outra na quinta-feira, no período da manhã. Isso sem levar em conta o fato de que os pais tinham a obrigação e incumbência de ensinar os seus filhos na lei judaica de maneira que eles pudessem fazer o mesmo com os seus filhos, e assim, portanto, manteriam o legado judaico. Logo, se um serviço religioso judaico realizado em uma sinagoga preza pela exibição, leitura e exposição de um texto, se olharmos para esse serviço religioso de maneira diferente, ou seja, conferindo-lhe um status literário, esses tais encontros seriam, então, não religiosos, mas sim encontros literários, momentos voltados para a meditação, estudo e interpretação de uma obra literária.

O exílio transformou os judeus em estudantes de letras, pois, ao passo que eram conduzidos para outras nações, tinham de aprender a língua oficial ou corrente daquele país, estado, província etc, mas isso sem perder a língua de seus antepassados. O judeu sempre chegou a um determinado local com uma língua prévia e tinha o dever de aprender a língua local vigente, fazendo com que aprendessem muitas línguas, que segundo Scliar (SCLIAR & SOUZA, p.47), "... dependia do conhecimento que a pessoa trazia levava consigo, caso tivesse de deixar precipitadamente o país, o que não era raro com judeus. Que, por causa disto, eram freqüentemente políglotas".

Isso fez também com que famílias inteiras chegassem a ter línguas diferentes, pois quando os filhos de judeus nasciam em locais cuja língua era diferente da falada pelos seus pais, tinham de aprender a língua local para estudar e trabalhar e também a língua dos pais para uma comunicação familiar e, às vezes, religiosa. Mas uma vez que os judeus foram espalhados em diversos países, logo, a população judaica mundial passa a ter um conjunto de línguas diferentes. São judeus, mas com nacionalidades distintas, e, conseqüentemente, com línguas distintas. Logo, quando um judeu queria estudar a cultura de uma comunidade judaica da qual ele não pertencia, muitas vezes também tinha que aprender a língua daquela comunidade judaica detentora de uma língua diferente da sua.

O hebraico, língua semítica oriunda da família das línguas afro-asiáticas, alcançou o status de língua oficial do recente estado de Israel, juntamente com o árabe, que era a língua predominante dos judeus da África do Norte e do Oriente Médio. O hebraico pode ser dividido em duas categorias: o clássico e o moderno.

O hebraico clássico é língua na qual foi redigida a Tanakh, a bíblia sagrada dos judeus e que hoje é utilizada como língua litúrgica nas sinagogas, também considerada como a língua sagrada, uma vez que, foi por intermédio dela que D'us se manifestou para transmitir sua mensagem e vontade à humanidade. Quando, aproximadamente em 586 EC, Jerusalém foi destruída e levada cativa a Babilônia, a língua hebraica clássica foi substituída pelo aramaico, língua semítica falada pelos babilônios, no uso cotidiano, e desde essa época a língua tem passado por inúmeras fases de reavivamento, sendo a mais significativa a produzida em decorrência do iluminismo. Como resultado desse reavivamento lingüístico, surge o hebraico moderno. Novas palavras e expressões de outras línguas foram adaptadas como neologismos a partir de um vasto corpus que inclui o hebraico clássico, aramaico, árabe etc. Então o hebraico moderno passou a co-existir e substituir um conjunto de dialetos e línguas faladas pelos judeus, a saber, iídiche, ladino, russo, árabe etc.

Asquenaze, termo proveniente do hebraico medieval para a Alemanha, é o nome dado aos judeus que, em virtude da perseguição, passaram a habitar a Europa Central e Oriental. E foi nesse cenário que a diáspora judaica desenvolveu a língua iídiche, uma mistura de alemão e hebraico, língua essa cuja origem data do século X e que se espalhou pelos países da Europa Oriental. Em 1880 havia na Europa cerca de sete milhões de judeus, o que representava 90% dos judeus em todo o mundo, sendo que a maioria vivia na parte oriental, sendo o iídiche uma língua muito utilizada pelos asquenazes. Além disso, os judeus provenientes dessa área do leste europeu também, em grande escala, falavam o russo. Em 1800 havia pouco mais de um milhão de judeus vivendo em áreas de assentamento em territórios que pertenceram à Polônia, dos quais  $\frac{3}{4}$  viviam sob o domínio russo.

O ladino, língua ibérica falada e escrita pelos judeus de origem hispana, também conhecido como judeu-espanhol ou sefardita, é uma língua ligada aos judeus. Quando os judeus ibéricos foram expulsos da Espanha e Portugal, eles

foram separados do desenvolvimento lingüístico da língua, mas continuaram a utilizá-la nos países e comunidades para as quais emigraram. O ladino apresenta, portanto, a gramática e vocabulário do espanhol dos séculos XIV e XV. Quanto mais longe da Espanha os judeus sefarditas emigraram, mais isolados eles ficavam do progresso da língua espanhola, e, portanto, mais divergente do espanhol dominante.

A população judaica mundial da diáspora, que vivia predominantemente na Europa, começou a sofrer uma radical mudança a partir de 1880, quando as dificuldades econômicas se aliaram ao crescimento de movimentos anti-semitas na Europa e ao sentimento de uma iminente grande guerra. Entre os anos que compreendem de 1881 a 1914, dos aproximadamente 7 milhões de judeus que ali viviam, quase 3 milhões de judeus abandonaram o leste europeu, número este que corresponde a mais de um terço da população judaica local e mais de um quarto da população judaica mundial, sendo que a cada cem judeus, 85 deles se estabeleciam nos Estados Unidos da América, fazendo desse país o detentor de uma das maiores comunidades judaicas do mundo. Dessa maneira, o inglês passa a ser uma língua muito utilizada pela comunidade judaica e os EUA atualmente possuem a maior comunidade de judeus da diáspora, e superam, em números de habitantes, até mesmo o número de judeus que residem no estado de Israel, constituindo a maior comunidade de judeus do mundo.

A diáspora então cria uma visão literária de dar inveja a qualquer nação do mundo, pois nenhuma outra nação tem a mesma amplitude em termos de estudos literários quanto às escolas, departamentos e núcleos universitários que abordam a literatura judaica. A literatura judaica possui departamentos e áreas de estudo voltadas para as obras escritas em hebraico, iídiche, ladino etc. E uma vez que os judeus são pessoas de diversas nacionalidades, eles fazem parte de uma literatura nacional, pertencente ao país dos quais nasceram, mas ao mesmo tempo, de uma literatura regional étnica<sup>4</sup> e/ou voltada para assuntos de temática judaica que

---

<sup>4</sup> O crítico americano Irving Howe cunhou o termo regionalismo étnico, um novo tipo de regionalismo, não geográfico, como aquele através do qual William Faulkner retratou o sul dos Estados Unidos, mas sim étnico, do qual escritores judeus, tais como Norman Mailer, Bernard Malamud, Philip Roth, de diferentes lugares que, embora distantes geograficamente, gozavam de uma herança cultural em comum.

ultrapassam a categorização nacional, e desta forma temos áreas de estudos literários para canadenses judeus, a literatura canadense-judia, literatura brasileiro-judia, americano-judia, francês-judia etc. Dessa forma, não há representantes brasileiros escrevendo uma literatura que possa ser considerada brasileira escrita em uma língua que não a portuguesa, e isso é válido para muitas nações, mas a literatura judaica, nesse quesito, é uma exceção.

O conceito de diáspora (Paul Gilroy, 1997) é um dos conceitos que nos permite compreender algumas destas identidades – identidades que não têm uma “pátria” e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte (SILVA, 2009, p. 22)

Outra particularidade da literatura judaica, além das inúmeras línguas em que ela se constitui, é o estudo sistemático em termos de periodização e fases literárias, pois se a Tanakh for estudada como literatura, sua autoria estaria em diversos anos antes da era comum, e mesmo que a literatura bíblica não seja levada em conta, uma visão global da literatura judaica pós-bíblica, como a feita por Israel Abrahams<sup>5</sup>, apresenta o primórdio da literatura datada de 400 AEC, o que faz o estudo de fases dessa literatura, compreender um período de aproximadamente 2.400 anos, número de dar inveja a qualquer literatura, e, ao mesmo tempo em que ela é admirada por ser extensa, praticamente impossibilita um estudo que aborde a literatura em termos gerais, em virtude do enorme tempo histórico que abrange e o excessivo número de autores. Dentre essas fases estariam, por exemplo: Período antigo, de 400 AEC a 600 EC, literatura apócrifa e apocalíptica, Halakah<sup>6</sup>, outras formas de literatura helenista, talmude, as coleções agádicas, período medieval, exegese bíblica, poesia, literatura rabínica, comentários, códigos e respostas, filosofia, teologia e ética, misticismo, história, geografia e viagem, ciência, prosa literária, literatura germano-judaica, literatura hebraica moderna, ensaio e crítica, literatura homilética, conto e romance, literatura iídiche e em línguas modernas e literatura anglo-judaica, isso sem mencionai suas inúmeras subdivisões.

---

<sup>5</sup> (26 de novembro de 1858 a 6 de outubro de 1925) Um dos mais distintos eruditos judeus de sua geração. Suas principais obras são: A vida judaica na Idade Média e Chapters on Jewish Literature (Capítulos acerca da Literatura Judaica).

<sup>6</sup> Nome dado ao conjunto de leis religiosas judaicas, incluindo as 613 leis bíblicas, as leis talmúdicas e rabínicas assim como também costumes e tradições.

Os judeus contribuíram com a humanidade com a Tanakh, o Antigo Testamento da Bíblia cristã, onde todos os autores são judeus, e em se tratando do Novo Testamento, de todos os seus autores, apenas um, Lucas, não é judeu.

A Bíblia é obra mais lida e mais traduzida de todos os tempos, e com certeza, a obra que mais influenciou autores literários diversos. *A Divina Comédia* de Dante Alighieri, *O Paraíso Perdido* de John Milton, *José e Seus Irmãos* de Thomas Mann, e as inúmeras citações bíblicas feitas por Shakespeare, isso sem mencionar os livros mais que contemporâneos escritos por brasileiros e portugueses, tais como *O Manual da Paixão Solitária*, de autoria do Moacyr Scliar e *Caim*, escrito por José Saramago, são algumas das grandes obras literárias mundiais influenciadas por esse livro que foi escrito por um período de mais de 1.400 anos e de autoria de mais de 40 escritores.

A universalidade modelizante do código das Escrituras durou sensivelmente mais do que a força da religião. O Deus dos filósofos e dos leigos iluministas pode ter morrido no século XIX, mas o Deus da Bíblia e a linguagem e a visão de mundo gerada por sua presença narrativa continuam formidavelmente vivas e operantes nos escritos de Thomas Hardy, Thomas Mann, Gide, Proust. Nós não teríamos os ritmos da prosa de Hemingway sem os “Eclesiastes”, nem as tristezas dinásticas de Faulkner sem as “Crônicas” e os “Livros dos Reis”. O mundo de Schoenberg é bíblico até o âmago e “Fim de Jogo” de Beckett é uma meditação exata sobre os instrumentos e as finalidades da Paixão (STEINER apud ALTER; KERMODE, 1997, 376).

O livro era e é o elemento preservador de identidade no judaísmo, perde-se o livro, perde-se a judaicidade. Ainda nesse sentido, em se tratando da Tanakh, é interessante frisar que a literatura judaica é vista, por áreas de estudos diferentes, de maneira controversa, pois a Tanakh, nas escolas israelenses é tida como livro de história, e não como literatura ou religião, portanto, o que para muitos é literatura, para outros é história, e para outros uma mistura dos dois.

Os judeus, portanto, transitam na literatura de língua inglesa, russa, francesa, alemã, ladina, iídiche, hebraica etc. São escritores de várias línguas, várias culturas e ao mesmo tempo detentores de uma cultura em comum com uma pessoa de nacionalidade e línguas diferentes da sua. Por serem imigrantes, acabam possuindo uma visão diferente das dos locais.

A verdade é que o imigrante recebe uma espécie de compensação por sua condição de marginal da cultura; ele é dono de um olhar privilegiado, um olhar que lhe permite enxergar a realidade do país de maneira diferente. Muitos descobrem assim novas oportunidades de ascensão econômica e social: o caso dos imigrantes que criaram a indústria cinematográfica; outros tornam-se revolucionários e outros ainda enveredam pelo caminho da literatura e da arte. De qualquer modo é uma situação original, que serve como fonte de inspiração. A isto deve-se juntar a tradicional veneração judaica pela palavra escrita e o peculiar humor - aquele humor melancólico, filosófico, que serviu, para um grupo perseguido e ameaçado, como defesa contra o desespero. (Entrevista concedida pelo Moacyr Scliar ao Jornal do Estado de Minas ([http://www.scliar.org/moacyr/entrevista-estado\\_minas.htm](http://www.scliar.org/moacyr/entrevista-estado_minas.htm)))

Mas quais são os elementos ou características que fazem de um livro ou de um escritor sejam considerados judeus? O que pode e o que não pode entrar em um livro literário de temática judaica? Essas são algumas das questões que certamente indagam muitos leitores.

Segundo Igel (1997, p.4), “... reconhece-se um tema como judaico quando o conflito principal de uma obra estiver expressamente ligado ao judaísmo quanto a sua gênese e a vivência física, mental, espiritual e psicológica de quem a escreve”. Assim sendo, o fato de um escritor judeu escrever uma obra literária não faz dela uma obra literária judaica ou de temática judaica, assim como também não o fato de haver personagens judaicas em determinadas obras.

Quem então confere esse título ou rótulo de literatura judaica? Embora não na sua totalidade, esta tarefa está a cargo do leitor.

[...] o que faz com que uma narrativa seja judaica? Será, por exemplo, seu tema? Poderia alguém escrever uma narrativa não judaica sobre um tema judaico do mesmo modo que é possível pintar um quadro cristão sobre um tópico do Velho Testamento? O que faz uma narrativa ser judaica: será a religião, a nacionalidade ou a etnicidade? O judaico da narrativa seria determinado pelo idioma – iídiche, hebraico ou ladino – no qual o escritor elabora? Talvez a intenção do escritor ou escritora possa determinar o teor judaico do seu discurso literário. E como determiná-lo quando um escritor – como Abraham Cahan em *The Rise of David Levinsky* – não mostra, na sua narrativa, intenção de promover sua etnicidade, mas, sim, facilitar o processo de ajustamento e aculturação? E o que dizer de I.L. Peretz, em cujo conto “Bontsha the Silent” [“Bontcha, o taciturno”], se mostra a insipidez da chamada estreiteza mental e passividade dos judeus? Escolho estas histórias – e há muitas mais – porque, apesar das intenções dos seus autores, elas passaram a

ser modelos na literatura judaica e são até mesmo celebradas como clássicas, por leitores judeus em toda parte. Neste caso, talvez sejam os leitores judeus que façam que uma história seja judaica. Há bastante verdade nesta afirmação. Mas não a verdade inteira. (LOWIN, 1986, p.195,196).

Tendo essa perspectiva em mente, é sabido que os judeus fazem uma distinção entre os livros que “lêem” e os livros que “estudam ou reverenciam”, a saber, livros seculares e os livros considerados sagrados.

Essa distinção lança luz sobre o peso e a autoridade que os judeus conferem aos livros, pois se lêem certos livros por prazer e entretenimento, ou para que estejam aptos a discutir culturalmente o que foi tratado em determinado livro, logo estes exercem pouca influência sobre eles, possuem menos autoridade. Mas aqueles livros que estudam, buscando instrução moral ou respostas para perguntas relevantes, para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do caráter e formação, logo, estes são revestidos de autoridade. Portanto, se um livro estiver discutindo com outros livros judaicos, estes então se tornam parte daquele diálogo judaico e ele passa fazer parte da vida do judeu que o leu. Mas, se o livro não estiver dialogando, de alguma maneira, com outros livros judaicos, então essa leitura conduzirá o leitor judeu a um tipo diferente de apreciação literária.

## 2. O ESCRITOR MOACYR SCLiar

### 2.1 UMA LITERATURA EM BUSCA DE IDENTIDADE

Moacyr Jaime Scliar, filho de judeus da Bessarábia José Scliar e Sara Slavutsky, nasceu no dia 23 de março de 1937 e passou sua infância no bairro do Bom Fim, Porto Alegre, RS. Moacyr, palavra em guarani que significa “filho do sofrimento”, é uma homenagem ao personagem filho de Iracema, de José de Alencar. Jaime, nome do meio, é nome comum dentre a comunidade judaica e Scliar é de origem judaico-russa que se refere ao “olho”.

Scliar traz em seu próprio nome uma marca que estará presente em muitas de suas obras, o hibridismo, o multiculturalismo, a diversidade, adjetivos estes que estão presentes em seu nome, pois o primeiro é indígena, guarani, um nome local, o do meio é judaico, comum entre judeus, e o terceiro é um sobrenome judaico, mas russo, assim sendo o escritor tem em seu nome três origens, três histórias, três culturas. É indígena-brasileiro, é judeu e é judeu-russo.

Scliar viveu em um bairro de predominância judaica, o Bom Fim, mas, claro, dentro de uma circunvizinhança brasileira. O Bom Fim era muito parecido a um shtetl, uma espécie de aldeia da Europa Oriental com grande população judaica. Os shtetls eram encontrados, principalmente, em áreas que constituíram os territórios de assentamento do século XIX na Rússia, Polônia, Galícia e Romênia. O Bom Fim também era constituído predominantemente de judeus asquenazes, oriundos da Europa Central e Oriental, das quais os pais de Scliar faziam parte, embora também houvesse sefarditas, descendentes de judeus originários da Espanha e Portugal.

O bairro em questão muito lembrava um gueto, excetuando-se o fato de que os guetos possuíam muros enormes e portões que trancavam os judeus pelo lado de dentro e de não ser permitida a saída de ninguém. Era um lugar acolhedor em que todos viviam como uma grande família. É nesse contexto que Moacyr começa a tomar conhecimento da sua judaicidade, e, conseqüentemente, da diferença.

Neste cenário comecei a tomar consciência de meu judaísmo. Inicialmente como uma forma de identificação grupal; aqueles adultos que falavam iídiche e contavam histórias da Bessarábia, aqueles meninos e meninas que eram meus companheiros na escola judaica, aquela era minha gente, disso nunca tive dúvida. Mas o Bom

Fim não era uma ilha isolada do mundo. Aos poucos fui também tomando consciência – dolorosa consciência, neste caso – da diferença. Eu era um judeu. Eu não era um góim. O bíblico povo eleito tinha ascendência sobre os góim; mas o judeuzinho do Bom Fim nada tinha de eleito. Fora dos limites do bairro, pisava-se terra estranha, hostil. (SCLIAR & SOUZA, 2000, p.64,65)

O Bom Fim também era uma espécie de lugar reservado para a perpetuação de uma característica milenar dos judeus: a tradição e cultura oral. A cultura oral foi fundamental na formação do autor, era uma oralidade vivida em sua casa, com as histórias contadas pelos pais e as histórias dos judeus moradores do Bom Fim. Foi naquele ambiente repleto de senhores barbudos que faziam uso do solidéu e que falavam iídiche que Moacyr freqüentemente ouvia as histórias das agruras sofridas pelos imigrantes.

Ali conversavam sobre suas experiências da travessia do Atlântico, as durezas do trabalho, o acolhimento da nova pátria. Recuperavam, também, as histórias de suas terras onde caía a neve e que ainda eram vivas nas paisagens da memória: as hostilidades sofridas na Rússia e, mas perto de nós, as agruras que viviam os parentes e amigos submetidos a regimes discricionários e ferozes. (ZILBERMAN, 2004, p. 15)

Scliar em sua infância veio a estudar em três escolas diferentes, escolas estas que representam culturas e visões divergentes, contribuindo para uma maior compreensão de suas origens através do processo de alteridade<sup>7</sup>. Começa seus estudos em uma escola confessional judaica, Escola de Educação e Cultura, da qual sua mãe foi professora, em seguida passa a estudar em uma escola confessional católica, Colégio Nossa Senhora do Rosário, e, por fim, uma escola pública, Colégio Júlio de Castilhos, onde termina seus estudos secundários.

Na escola judaica ele aprende sobre a rica e vasta ancestralidade de seu povo, é impedido de estudar iídiche pela mãe, que atuou como professora naquela escola, e por isso é motivo de ciúmes daqueles que, diferente dele, estudam o iídiche.

Na infância Scliar já demonstra sua veia literária através da qualidade de suas redações, sendo que em uma delas ele se mostra convicto da missão do povo hebreu e deposita suas esperanças no então recente estado de Israel. Moacyr,

---

<sup>7</sup> Concepção que parte do pressuposto básico de que todo homem social que interage é interdependente de outrem.

desde suas primeiras redações, já se mostra adulto no quesito idéias, e não apenas isso, mas já demonstra o teor engajado de sua literatura para entender e ser entendido concernente a sua judaicidade, sua identidade.

Na escola católica Moacyr estuda catecismo, aprende a rezar. Toma consciência que, de acordo com a teologia cristã católica romana, o céu dos cristãos não está reservado para ele e os seus ancestrais, mas que o inferno é o seu destino. Nesse contexto ele aprende que, como judeu, matou a Cristo e, que é, de certa forma, responsável pela morte do Messias cristão. Esse estreito contato com a cultura e teologia cristãs fez nascer nele um conflito, ou como ele próprio coloca, um trauma.

As zombarias eram pesadas, mas não se comparavam ao conflito interior no qual eu fora precipitado com a descoberta do cristianismo. Conflito, não; trauma, devastador trauma. (SCLIAR & SOUZA, 2000, p. 66)

A diferença cultural entre judeus e cristãos, estes últimos maioria e dominantes no Brasil, impunham medo não apenas aos judeus, como no caso de Moacyr, que estudavam em escolas confessionais católicas, mas o medo ia além, como descrito nas páginas abaixo:

Fora dos limites do bairro, pisava-se terra estranha, hostil. No sábado de aleluia nem mesmo o Bom Fim era seguro; um dia depois da Sexta-feira Santa... (SCLIAR & SOUZA, 2000, p.64).

Após estudos em escola judaica e católica, Moacyr passa a estudar em um colégio público, Colégio Júlio de Castilhos, uma das melhores escolas do gênero existentes na época. O colégio, diferente das duas primeiras instituições de ensino da qual Moacyr freqüentara, não era confessional, era mais liberal e politicamente ativo. É nessa fase que o jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, publica seu primeiro conto, *O Relógio*.

Os pais de Moacyr são judeus, mas não apenas judeus, são judeus asquenazes, nasceram russos, mas vivem no Brasil. No Brasil são levados a aprender o português, mas vivem em uma comunidade, Bom Fim, que falava o iídiche. É nessa mescla de línguas, culturas e etnias que se insere Moacyr Scliar. Ele é judeu, pertencente a um uma cultura e a um povo, povo este que não possui um país, pois quando do nascimento de Moacyr, 1937, o estado de Israel ainda não

existia. Seria ele, assim como seus pais, um judeu asquenaze? Sim e não. Seria ele um judeu brasileiro? Sim e não. Seria ele apenas um judeu? Se adotarmos a definição identitária de nascimento, sim, se tomarmos a definição de vertente religiosa, não. É nessa busca por uma série de respostas, por origens, por um nascimento, por identidade, que nasce a vertente literária de Moacyr. Pois o próprio conceito de identidade judaica pode ser vista de maneiras bastante diferentes.

Judeu é aquele que aceita a fé judaica. Esta definição é religiosa. Judeu é aquele que, sem uma filiação formal religiosa, encara os ensinamentos do judaísmo – sua ética, seu folclore e sua literatura – como pertencentes a ele mesmo. Esta definição é cultural. Judeu é aquele que se considera judeu ou assim é visto por sua comunidade. Esta definição é prática. (IGEL, 1997, p.2)

Moacyr escreve na ansiedade de tentar entendê-lo, na expectativa de poder entender o seu próprio eu, suas origens, suas raízes, seu passado, sua nacionalidade, sua condição judaica, chegando até mesmo a escrever um livro com esse nome. Sua escrita nasce de suas indagações, dúvidas, no sentido de que ao escrever ele possa refletir e tentar chegar a algumas conclusões relacionadas à sua origem. É uma volta a famosa pergunta filosófica: Quem sou eu? Mas não apenas isso, é uma pergunta que procura saber quem ele é como judeu.

A problemática identitária até aqui já seria extremamente massiva, mas, (in) felizmente, as confluências não param por aí, pois aliado a este fato ainda há a questão de ele vir a nascer e a residir no estado do Rio Grande do Sul, o que também caracteriza um problema de ordem identitária, uma vez que o estado possui uma formação histórica recente. A região que hoje corresponde ao estado do Rio Grande do Sul só teve a delimitação fronteiriça do estado definida em 1801, após a assinatura do “Tratado de Badajoz”. O estado também é conhecido, em especial, por uma rebelião, a mais longa do estado, a Guerra dos Farrapos, produto de divergências entre os defensores dos ideais republicanos e federalistas. A paz só foi atingida, isso não sem muitos embates civis, a partir de 1928, com o governo de Getúlio Vargas, que posteriormente veio a ocupar a posição política mais alta do país. Então, Moacyr também tinha a dualidade identitária de visão política entre brasileiro e gaúcho.

O Rio Grande do Sul é uma região de passado histórico recentíssimo, por ser uma das últimas regiões do mundo a ser colonizada pelo europeu; mais jovem que o Rio Grande, nessa

perspectiva, apenas a Austrália. Por outro lado, como a compensar essa “falta de História”, o Estado sulino possui uma tragédia fundadora logo ali, no século 19: A Guerra dos Farrapos, que pôs o Rio Grande em confronto com o Império Brasileiro e instituiu uma república à parte. Isso, contudo, não é capaz de preencher todas as aspirações de estabilidade que o passado confere. Talvez por isso sejam tão fortes no Rio Grande do Sul as manifestações “tradicionalistas”, ou, mais modernamente, “nativistas” – conceitos que, semanticamente, mantêm um certo cariz ideológico. Ambas pretendem preencher uma lacuna cultural, pertencente ao campo da psicologia coletiva. Nesse contexto de acentuado “nacionalismo regional”, as imigrações mais novas sentem, mais que as outras, a necessidade de ancorarem em suas origens. (ZILBERMAN, 2004, p. 22)

A escrita de Moacyr é uma volta ao passado para fundar e corroborar para o nascimento e/ou criação da sua história pessoal e também coletiva. Ao escrever sobre as origens dos judeus, Moacyr tem outra grande tarefa pela frente, tentar dar um seguimento a uma trajetória histórica como judeu asquenaze, mas acrescentando o fator brasileiro, com seus novos elementos, dando continuidade a história dos judeus asquenazes no Brasil, criando assim um dando a ele elementos novos, os da nova nação. Mas o termo asquenaze, em si, não se aplica a brasileiros, mas para os oriundos da Europa Central e Oriental, o que não era seu caso. O caminho a seguir então é o de “fundar” uma história de judeus brasileiros, descendentes de asquenazes, mas brasileiros, a fundação de uma história brasileiro-judaica. Moacyr é extremamente consciente de sua condição judaica e a transmite em sua escrita.

Se com a Tanakh a escrita é utilizada para contar, em termos “históricos”, pelo menos aos que nela acreditam, as experiências, sofrimentos e vitórias experimentados pelos ancestrais dos judeus, a literatura judaica brasileira também é utilizada nesse contexto para deixar às futuras gerações de judeus, literariamente, as experiências, sofrimentos e vitórias experimentadas pelo recente povo judaico-brasileiro. As dificuldades enfrentadas na travessia do Atlântico eram semelhantes às da travessia do Mar Vermelho, as longas caminhadas pelas densas matas era o equivalente a caminhada no deserto, o espanto e surpresa pela abundância de frutas desconhecidas na Europa Central e Oriental, equivalentes as frutas em abundância daquelas trazidas pelos espias ao retornarem de Canaã, as

perseguições anti-semitas, os pogroms<sup>8</sup>, como a ação de Hamã, o agagita, no livro de Esther. A literatura é, também, entre outras coisas, para a preservação da memória.

“... era minha obrigação dar significado à minha sobrevivência, justificar cada momento de minha vida. Sabia que era preciso contar a história. Não transmitir uma experiência é traí-la; é isso que a tradição judaica nos ensina. (VIEIRA, 1994, p.23)

A presença judaica no Brasil é de longa data, dos primórdios do conhecimento do Brasil, embora esse fato seja, com raras exceções, negligenciado nos livros e, conseqüentemente, nos estudos escolares que abordam a história brasileira. De mesma sorte que a história brasileira judaica é obscurecida, assim também é a história da literatura brasileira judaica. A periodização da escrita brasileira judaica, segundo Regina Igel, em *Imigrantes Judeus Escritores Brasileiros*, abrange, principalmente, três grandes períodos: colonial, monárquico e republicano. No período colonial, sob o domínio português, a inquisição tratou de minar não apenas a religião judaica, transformando os judeus em cristãos novos, mas também todas e quaisquer manifestações culturais judaicas, incluindo nessa categoria, a literatura, que, como conseqüência, não existiu. Nos outros dois períodos, monárquico e republicano, embora a inquisição não fosse o motivo de repressão maior, muitos outros fatores contribuíram para que a literatura brasileira judaica permanecesse fora dos estudos literários brasileiros.

Textos brasileiros nos quais prevalece a temática judaica como expressa por autores não são, em sua grande parte, reconhecidos como obras modelares, nem exemplares de construção refinada ou de discursos paradigmáticos. Muitos dos autores tampouco se definem como escritores profissionais ou aspirantes a essa posição. Neles pode-se perceber uma fuga do termo “escritor”, que lhes emprestaria uma profissionalização que, em geral, não almejam. Apesar dessa resistência, plausível em alguns casos, nem por isso se deve deixar de examinar a escrita judaica do país como integrante do mundo literário e do imaginário brasileiro. Os elementos que constituem tal escrita não são menos merecedores de análise, exame e fruição do que a de muitos autores não-judeus consagrados ou que ainda se encontrem em julgamento crítico. (IGEL, 1997, p.7)

---

<sup>8</sup> Ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus outras minorias étnicas da Europa.

E foi apenas recentemente que a literatura brasileira judaica passa a existir e alcançar certa notoriedade.

A liberdade de declara-se judeu (ou judia) pela voz literária, em português, é reconhecidamente uma conquista moderna. Apesar dos quinhentos anos da presença de judeus no Brasil, foi apenas durante as últimas cinco décadas (a partir de 1940) que emergiu o período mais prolífico em termos de uma tipologia judaica literária. (IGEL, 1997, p.29)

Após concluir seus estudos secundários Moacyr Scliar opta pelo curso de Medicina na UFRGS, escolha essa motivada, dentre alguns motivos, pelo medo de perder os pais, quando estes ficavam adoentados, e posteriormente, como resultado de seu engajamento político, pois sua geração era muito engajada politicamente e como resultado de sua orientação marxista, o que o levou a escolher a saúde pública. Mas mesmo atuando na medicina, inscreve-se num concurso literário e vence-o. Conclui o curso de medicina no ano de 1962, mesmo ano que publica seu primeiro livro, *Histórias de Médicos em Formação*, livro esse que segundo o autor só foi um sucesso pelo fato de seus pais obrigarem seus amigos e a comunidade a comprarem um exemplar, mas que Moacyr reconhece que não foi propriamente uma obra literária, e desde então, faz o caminho inverso das editoras, ele busca comprar de qualquer pessoa que possa estar de posse de seu primeiro livro.

Seguindo o lançamento de *Histórias de Médicos em Formação*, lança *O Carnaval dos Animais*, um livro de contos, considerado seu primeiro livro realmente literário, sendo premiado pela Academia Mineira de Letras. E após isso Moacyr vê ressurgir sua infância, sua ancestralidade, sua condição judaica, sua identidade, e nessa vertente da condição judaica ele lança *A Guerra do Bom Fim*, *O Exército de Um Homem Só*, *Os Deuses de Raquel* etc. e muitos outros livros que abordam e/ou são inspirados pelas temáticas e problemáticas relacionadas ao judaísmo, sendo a principal delas a identidade.

## **2.2 A CRÍTICA FRENTE A MOACYR SCLIAR**

### **2.2.1 A CRÍTICA NACIONAL**

A vocação literária de Moacyr Jaime Scliar surgiu bem cedo. Em sua infância escreveu histórias que circulavam entre os moradores do bairro judaico do Bom Fim,

isso, segundo o próprio autor, por influência do pai, que era um exímio contador de histórias, e de sua mãe, professora que o alfabetizou.

As primeiras críticas positivas recebidas por Moacyr vieram a ser a de sua professora, Maria de Lourdes Pereira, que desde cedo reconheceu que seu aluno teria um futuro brilhante nas letras, que seria um literato. Maria, que foi professora de Moacyr Scliar no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, quando este tinha 14 anos de idade, revela que Moacyr escrevia coisas muito profundas para um menino daquela idade.

O primeiro livro publicado por Moacyr Scliar, *Histórias de um Médico em Formação*, não foi bem uma obra literária, e embora tenha feito sucesso entre os amigos e parentes, que foram obrigados a comprar a obra a pedido dos pais do autor, Moacyr reconhece que a obra não era boa, que foi uma obra dele como autor também em formação e diz: “Os exemplares que os familiares não adquiriram eu busco resgatar, para não deixar vestígios”.

Seu segundo livro, *O Carnaval dos Animais*, um livro de contos, publicado em 1968, esse sim é considerado pela crítica o seu primeiro livro realmente literário. E exatamente por suas qualidades literárias que o livro recebe o Prêmio da Academia Mineira de Letras.

A obra, em virtude de sua qualidade estética, pode ser considerada o verdadeiro passo inicial de sua carreira, e está imersa no clima intelectual da época. São histórias de animais, escritas com essencialidade e força, e nelas está presente uma ponte para a condição humana, isto é: os humanos reconhecem-se nos atributos animais, e estabelecem com os bichos relações patéticas e até cruéis... É possível afirmar que este é o primeiro livro realmente literário de Moacyr. (ZILBERMAN, 2004, P. 20).

Moacyr também, nessa mesma fase, começa a publicar artigos científicos em revistas médicas tanto no Brasil como no exterior, e foi exatamente tais publicações que o iniciaram na publicação de inúmeros livros ensaísticos, fazendo dele um autor de livros ficcionais e não ficcionais.

Em 1972 Moacyr publica *A Guerra do Bom Fim*, seu primeiro romance. Esta obra já começa a apontar a característica dual de muitas das obras que viriam a ser escritas futuramente. No ano seguinte, 1973, lança *Exército de Um Homem Só*, livro este que veio a ser traduzido para mais de dez idiomas. O romance recebe menção

honrosa do Prêmio Fernando Chignalia, da União Brasileira dos Escritores e o Prêmio Joaquim Manoel de Macedo, do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Mas o livro também entraria para história brasileira por inspirar uma música que traz o mesmo nome do livro e que fez bastante sucesso no Brasil através do grupo Engenheiros do Havai em álbum lançado em 1990.

No ano de 1975 Scliar publica *Os Deuses de Raquel*, livro lançado no ano de morte de Erico Veríssimo, um autor reverenciado por Moacyr. O livro recebe menção honrosa no Prêmio Wallmap.

Os livros *O Carnaval dos Animais*, *O Exército de Um Homem Só* e *Os Deuses de Raquel* são lançados em uma editora fora do estado do Rio Grande do Sul, o que inicia o processo de nacionalização do autor, até então pouco conhecido fora de seu estado, fazendo com que os críticos literários do eixo Rio-São Paulo passem a conhecer melhor o trabalho deste jovem escritor. Outra característica que começa a despontar no escritor é o fato de os intervalos entre as publicações de seus livros começarem a ficar cada vez menores, fazendo dele um escritor prolífico.

Moacyr conta hoje com uma bibliografia invejável constituída de mais de 80 obras publicadas, que o deixa com uma média de mais de um livro publicado por ano. O autor transita pelo conto, romance, ficção infanto-juvenil, crônica e ensaio. É colunista de três grandes jornais brasileiros: Zero Hora, do Rio Grande do Sul, Folha de São Paulo e Correio Brasiliense, de São Paulo.

Seus trabalhos literários também foram adaptados para o teatro e cinema. Dentre algumas das obras adaptadas para o teatro estão: *A Mulher que Escreveu a Bíblia* e *Uma Aventura Farroupilha*. Dentre as obras adaptadas para o cinema estão: *Caminhos dos Sonhos*, inspirado na obra *Um Sonho no Caroço de Abacate* e *Sonhos Tropicais*.

Embora Scliar seja bem recebido na crítica, até mesmo em virtude da sua versatilidade de gêneros e expressivo número de obras, é exatamente dentro da literatura judaica que ele goza ainda mais de prestígio e reconhecimento por ser o maior expoente da literatura brasileira judaica no Brasil.

A obra do prolífico e internacionalmente reconhecido Moacyr Scliar revela sensibilidade do escritor atenta a duas das sereias mais

sibilantes aos ouvidos dos judeus: a aculturação e assimilação. A primeira delas emerge na ficção de Scliar por sua dimensão de inevitabilidade para aqueles que ingressam, adaptam-se e participam do destino da sociedade em que vivem; a segunda ganha relevo na sua escrita como um fenômeno a ser temido pelos vigilantes da cultura e religião, visto suas conseqüências determinarem o desaparecimento da cultura minoritária dentro da majoritária. (IGEL, 1997, p.146 e 147)

Moacyr Scliar também é produto de teses, dissertações, ensaios, e trabalhos acadêmicos diversos além de antologias de contos e coletâneas, mas esse número é inexpressivo se levarmos em conta a quantidade de obras produzidas por ele e também o número de anos em que ele transita de maneira mais que atuante na literatura brasileira. Nesse sentido, foi apenas em 2004 que Regina Zilberman e Zilá Bernd organizaram um livro que reunisse pesquisadores do Brasil e do Exterior que, independentemente da orientação teórica conhecessem a ficção de Moacyr Scliar, nascendo assim *O Viajante Transcultural, leituras da obra de Moacyr Scliar*, um livro que abarcasse interpretações, análises e comentários das obras de Moacyr, não individualmente, mas de maneira coletiva, abrangendo algumas de suas obras mais importantes e expressivas. Participa de grandes eventos literários, tais como a Flip, Festa Literária Internacional de Paraty, um dos maiores eventos literários do mundo e Fliporto, Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas.

Dentre os principais prêmios literários nacionais estão os seguintes: Prêmio da Academia Mineira de Letras (1968), Prêmio Joaquim Manuel de Macedo (Governo do Estado do Rio, 1974), Prêmio Cidade de Porto Alegre (1976), Prêmio Érico Veríssimo de romance (1976); Prêmio Brasília (1977), Prêmio Guimarães Rosa (Governo do Estado de Minas Gerais, 1977); Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte (1980); Prêmio PEN Clube do Brasil (1990), Prêmio Açorianos (Prefeitura de Porto Alegre, 1997 e 2002), Prêmio José Lins do Rego, da Academia Brasileira de Letras (1998); Prêmio Mário Quintana (1999) e Jabuti (1988, 1993, 2000 e 2009 no último pela obra *Manual da Paixão Solitária* – vencedora de duas categorias, a saber, livro do ano de ficção e melhor romance).

Em eleição realizada no dia 31 de julho de 2003, o escritor Moacyr Scliar, concorrendo à cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras, passa a ser imortal, recebendo 35 votos de um total de 36 dos acadêmicos com direito a voto. Moacyr é recebido na Academia no dia 22 de outubro de 2003 pelo acadêmico gaúcho Carlos

Nejar e passa a ser o sétimo ocupante da cadeira 31, deixada vacante por Geraldo França de Lima.

### **2.2.3 A CRÍTICA INTERNACIONAL**

Moacyr hoje goza de grande reconhecimento e prestígio internacional. Uma recente pesquisa realizada durante a segunda edição do Conexões Itaú Cultural: Mapeamento Internacional da Literatura Brasileira, evento realizado no Rio de Janeiro nos dias 1 e 2 de dezembro de 2009, em parceria com o Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, foi iniciada no ano de 2008 com o propósito de levantar informações e dados acerca do mercado editorial brasileiro. A pesquisa envolveu diversos profissionais da área do livro, tais como tradutores, professores, editores, bibliotecários etc de 19 países.

A pesquisa aponta Moacyr Scliar como o autor brasileiro vivo mais lido fora do país, o que foi uma surpresa para muitos (e nem tanto para outros) que achavam que o primeiro nome seria o de Paulo Coelho. Na lista geral, incluindo autores vivos e mortos, Moacyr aparece entre os dez autores brasileiros mais lidos no exterior. A lista dos dez escritores brasileiros mais citados pelos especialistas consultados foi a seguinte: Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José de Alencar, Manuel Bandeira, Moacyr Scliar, Rubem Fonseca e Drummond de Andrade.

O autor foi professor visitante na Brown University (Departamento de Estudos Brasileiros e Portugueses) e também na Universidade do Texas, Austin, nos Estados Unidos da América. Além disso, é freqüentemente convidado para conferências, palestras e seminários relacionados à literatura brasileira e judaica.

Em 2003, mesmo ano em que Moacyr Scliar se tornava imortal no Brasil, a revista *New Voices*<sup>9</sup> fazia uma pesquisa que visava encontrar o Maior Escritor Judeu Latino-Americano. Os pré-requisitos eram os seguintes; (a) o autor deveria ser conhecido pela ficção, (b) ser identificado como latino-americano na vida real e na ficção, (c) possuir temas explicitamente judaicos, mas não necessariamente de

---

<sup>9</sup> Uma revista estadunidense escrita por e para alunos universitários criada no ano de 1991 pelo Jewish Student Press Service, um órgão independente e sem fins lucrativos. A revista é lida por mais de 26 mil universitários em aproximadamente 400 campi ao redor dos EUA.

ordem pessoal e (d) ser capaz de surpreender seus leitores com uma escrita única e cativante. Dentre os vários autores pesquisados, Moacyr Scliar saiu como o vencedor.

The National Yiddish Book Center (Centro Nacional do Livro Iídiche), uma das maiores organizações culturais judaicas dos EUA, voltada para a preservação e disseminação de livros em iídiche e que conta com mais de 30 mil patrocinadores, foi fundada em 1980 e atualmente se localizada em Amherst, Massachusetts. A instituição elegeu no ano de 2002 o livro *O Centauro no Jardim* como um dos cem melhores livros de temática judaica escritos nos últimos duzentos anos em todo o mundo. Moacyr Scliar é o único escritor brasileiro a prefigurar na lista.

Em se tratando de premiação internacional, em 1989, em Cuba, Moacyr recebeu o prêmio Casa de Las Américas pelo livro *A Orelha de Van Gogh*.

Mas a questão internacional que mais teve repercussão com o escritor Moacyr Scliar foi o Man Booker Prize for Fiction. A premiação, também conhecida pela sua forma abreviada, Booker Prize, premia obras escritas em inglês cujo autor seja oriundo da Comunidade de Nações, uma associação de territórios autônomos, mas dependentes do Reino Unido, criada em 1931 e formada atualmente por 54 nações, a maioria das quais independentes, mas incluindo algumas que ainda mantêm laços políticos com a antiga potência colonial britânica.

O Booker Prize é reconhecido como um dos maiores prêmios literários internacionais e por isso garante fama e sucesso aos laureados, e em consequência disso o prêmio é de grande significância para o mercado literário mundial. A premiação, realizada na Inglaterra, causa muito frisson e estardalhaço, com fofocas na imprensa e até mesmo uma bolsa de apostas. No ano de 2002 o escritor Yann Martel, canadense, ganhou o prêmio pela obra *A Vida de Pi*, obra suspeita de ser plágio de Jaguar no Escaler, uma das três narrativas do livro *Max e os Felinos* escrita por Scliar, obra esta publicada em inglês sob o título de *Max and the Cats*. Embora Moacyr não tenha optado por entrar com alguma ação contra a suposta alegação de plágio, Yann Martel fez uma dedicatória ao autor lhe agradecendo pela “faísca inspiradora”. A questão fez com que muitas pessoas viessem a se perguntar quem seria esse escritor brasileiro detentor de uma história digna de ser vencedora de um dos maiores prêmios literários em língua inglesa.

### 3. O CENTAURO NO JARDIM – UMA OBRA ALEGÓRICA

#### 3.1 ALEGORIA DO CENTAURO

Para se ter uma compreensão da alegoria de Guedali, um centauro, faz-se necessário uma apresentação da origem dos centauros.

De acordo com a mitologia grega, os centauros são uma raça de criaturas cujo corpo é formado de duas partes; humana e eqüina. Geralmente são retratados com o torso e cabeça de homem e o corpo de um cavalo. Habitavam as montanhas de Tessália e Arcádia.

A origem dos centauros não possui uma única versão, mas de acordo com o mito predominante, Ixiã, um deus primitivo, se apaixonou por Hera, esposa de Zeus e mãe dos deuses, e tentou possuir Hera. Hera relatou o acontecido a Zeus, que ao ouvir o relato, resolveu averiguar a veracidade do testemunho da sua esposa e que, para este fim, criou Nephele, um ser feito a partir de uma nuvem e que muito se assemelhava a Hera, e a colocou próxima a Ixiã. Ixiã teve relações com Nephele e desta relação foi gerado Centaurus, o pai de todos os centauros.

O centauro, portanto, um ser dual, híbrido, por possuir duas naturezas, pertence a dois mundos diferentes e conflitantes entre si, o animal e o humano, mitológico e o real e ainda entre material e natural ou o animalesco e o intelectual. Já nas bastasse o centauro possuir em seu corpo uma realidade física dicotômica, ainda assim eles se dividiram em duas famílias.

Segundo contam as lendas, os Centauros repartiram-se em duas grandes famílias. Os filhos de Ixiã e de uma das oceânidas (nome dado às três mil ninfas, filhas de Tétis e de seu irmão, o Oceano) simbolizam a força bruta, insensata e cega, os filhos de Filira e de Cronos, dentre os quais o Centauro Quirião é o mais célebre, representam, ao contrário, a força aliada à bondade, a serviço dos bons combates (CHEVALIER & GUEERBRANT, 2002, p. 219)

Mas ao pertencer a dois mundos distintos, este não pode estar plenamente em nenhum dos dois, ou seja, não pertencendo, de fato, a mundo nenhum, pois para estar plenamente em um dos mundos ele teria de abdicar de uma metade que compõe o seu todo, e ao fazê-lo morreria, pois sua natureza é dual e não mono. Sendo assim, para viver, é obrigado a viver em uma espécie de entre mundos. Mas se o fato de não pertencer plenamente, se é que isso pode realmente existir, a uma

determinada identidade já é o suficiente para causar problemas no ser que não luta para se inserir e participar de tal identidade, o fato de pertencer parcialmente a uma ou mais identidade também causam problemas.

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto. BAUMAN, 2004, p. 35)

A figura do centauro foi a maneira encontrada por Moacyr Scliar para tentar retratar os problemas e as mazelas existenciais sofridos pelos imigrantes, e, de maneira especial, e mais evidente, a situação dos descendentes de imigrantes judeus. Assim, pois, o centauro representa uma alegoria de uma problemática de dualidade, de existências paralelas.

Em termos das dimensões híbridas na sua obra, elemento evocativo de outras narrativas étnicas, a figura do centauro serve para simbolizar as tensões provocadas pela realidade dupla – animal/homem – ou aquela de ser um bom judeu em casa e um bom cidadão na rua ou ser considerado anormal, estranho e o indivíduo visto como “normal”, regular. Por cima, a utilidade da metáfora ou tropo centauro, representativo de hibridez, também serve para marcar o fenômeno da sobrevivência dentro de uma relação hegemônica de poder desigual. (ZILBERMAN, 2004, p. 185)

Mas se víssemos a questão centauresca apenas pelo viés da mitologia grega, estaríamos diminuindo a riqueza e variedades de interpretações que a questão evoca, pois se há uma mitologia centauresca mundial, se assim podemos classificá-la, há também uma mitologia centauresca gauchesca, como o próprio autor chega a citar: “Gaúcho é assim, eu respondia, meio homem, meio cavalo” (p.134).

*O Centauro no Jardim* também joga, por via irônica, com uma das mais caras tradições da literatura gauchesca. Para entender o fenômeno, só recorrendo à História do Rio Grande do Sul. Os intelectuais e escritores do Partenon Literário, uma academia de letras porto-alegrenses do século 19, vieram a fundar um mito, a que chamaram de Centauro dos pampas; o homem gaúcho formando uma unidade com seu cavalo, transforma-se num aventureiro, romântico, leal, guerreiro, que viria a ser modelo de uma infinidade de produções poéticas e romanescas, contestado apenas no século

seguinte. Em outras palavras: o mito do centauro possui, no Sul, uma carga ontológica e antropológica capaz de causar medo a quem quer que dele se aproxime. Numa região dotada de forte identidade, de resto uma identidade construída também e fundamentalmente pela literatura, qualquer discussão a respeito dessa famosa panóplia de valores, corre o risco de levantar ressentimentos. É possível que nem todos tenham apreendido a paródia de Scliar, mas ela está presente com uma intensidade talvez só percebida por quem conhece o Rio Grande do Sul e seus temas mais caros. (ZILBERMAN, 2004, p. 27)

O centauro, apenas pela interpretação mítica, seja a universal ou a local, cria, assim, por si só também uma relação dual, pois o centauro é universal, mas é, também, ao mesmo tempo, local. Essa é, portanto, uma das primeiras dualidades na questão da interpretação do centauro, se o centauro é um mito universal ou se é local.

Se a interpretação tomar por base o centauro como um mito universal, a parte eqüina se equivaleria à parte estranha na sociedade brasileira, representando a cultura européia da qual o centauro é herdeiro, e, conseqüentemente, a parte humana, a parte não estranha, é a pertencente à sociedade brasileira. O centauro então estaria em um conflito interior no que diz respeito à aculturação e, de maneira mais grave a assimilação, pois para se assimilar na sociedade brasileira ele teria de abrir mão de uma rica cultura e tradição do leste europeu, do qual é descendente.

Nesse prisma, temos uma situação bastante interessante em que um violino que é um objeto que pertence à família há muito tempo e que é símbolo da herança cultural européia.

O violino estava com minha família havia gerações. Meu avô, Abraham Tartakovsky, dera-o a meu pai, esperando transformá-lo num grande virtuoso, como tantos que existiam na Rússia, à época: Misha Elman, Gabrilovitch, Zimbalist – todos jovens prodígios judeus. (SCLIAR, 2004, p. 34)

E é exatamente essa cultura européia, como símbolo no violino, que Guedali abandona.

Uma tarde chuvosa do mês de setembro. No alto de um barranco, toco uma melodia de minha composição. De repente, um estalido: uma corda rebentou. Paro de tocar, fico olhando o violino. Então, sem pensar, sem titubear, uma coisa automática, jogo-o no riozinho, lá embaixo. Levam-no lento as águas barrentas. Trotando pela margem, acompanho-lhe a trajetória. Vejo-o abalroar um tronco submerso, vejo-o afundar. Volto para casa. (SCLIAR, 2004, p.35)

Se parássemos a análise por aqui já teríamos inúmeros fatores a serem considerados, pois, aqui a parte eqüina teria de abrir mão de uma cultura milenar para fazer parte de uma cultura bem mais nova e recente que a européia. Mas para que tal interpretação possa ser feita não podemos levar em conta a judaicidade da obra, podendo então a dualidade alegórica ser vista como um entrave de identidade entre a cultura do leste europeu e a brasileira. Agora, se levarmos em conta os artifícios do ponto de vista judaico, mais uma vez a dualidade continua a se expandir, pois aí teríamos de analisar a situação do centauro como não apenas descendente de uma cultura do leste europeu, mas de uma rica e milenar cultura européia judaica asquenase entrando em choque com uma cultura brasileira judaica em processo de nascimento ou a busca de reconhecimento.

O centauro como mito gaúcho, por outro lado, nos leva a seguinte alegoria; um homem brasileiro, representante de uma república contra um homem gaúcho, que, exatamente por possuir uma identidade muito forte relacionada a seus antepassados, não se acha pertencente a essa república brasileira. Ser brasileiro estaria em conflito com ser gaúcho e vice versa. Do ponto de vista judaico, isso também acarretaria claro, uma ruptura de identidade entre o brasileiro judeu e o gaúcho judeu e ainda uma dicotomia entre asquenazes e brasileiros asquenazes.

O centauro, levando em consideração tanto o mito universal quanto o gaúcho, também apontam para a dualidade do homem do campo em contraposição ao homem da cidade.

Guedali nasce no campo, e como possui em sua composição uma parte animal, logicamente é atraído pela natureza, ele se sente livre e completo correndo pelos campos, enchendo os seus pulmões de ar fresco, sentindo o vento tocando em seu rosto, se alimentando de frutas e verduras frescas, banhando-se no rio, sentindo a liberdade, enfim, usufruindo de tudo aquilo que apenas a natureza pode proporcionar. A relação que experimenta com a natureza chega a ser telúrica<sup>10</sup>, e essa relação, em certo momento da narrativa, faz com que ele venha a pensar que o centauro está estritamente ligado à terra, logo, voltar à natureza é voltar a ser centauro.

---

<sup>10</sup> Telurismo é a influência da natureza do solo no homem que o habita, na sua índole, costumes etc, é o magnetismo terrestre e sua ação.

O que eu queria era contato com a terra – experiência que acreditava profunda, visceral. Queria andar descalço, queria criar calos nas solas dos pés, para torná-las cada vez mais grossas, cada vez mais semelhantes a cascos – cascos verdadeiros, enfim. Cascos em que cada camada córnea fosse resultado de longas caminhadas sobre terra e sobre pedras, de meditação sobre o sentido da vida. Andar muito, era o que eu pretendia. Trabalhar, sim; mas andar, também. E, se me cansasse, me sentaria na terra. Não temeria picadas de espinhos ou ferroadas de insetos nas nádegas. Ao contrário, as desejaria. Que se formassem calombos. Que crescessem esses calombos; que os ossos se desenvolvessem neles, articulados aos da bacia, que criassem cascos; enfim, que merecessem o nome de patas era o que eu desejava. E não desejava menos uma cauda. Patas, quatro; cauda, uma. Pronto: centauro. (SCLiar, 2004, p.198)

A relação de Guedali com a natureza também tem uma ligação com sua infância, pois o campo, lugar em que passou sua infância exerce grande influência sobre ele. Além do mais, foi no campo em que encontrou o seu grande amor, Tita, sua esposa com que veio a ter dois filhos.

Mas ao passo que a terra exerce certa atração e magnetismo sobre ele, a cidade também o atrai. A cidade é símbolo de avanço, de tecnologia, da medicina avançada, e nesse sentido, se ele viesse conseguir a passar por uma operação e, conseqüentemente, se ver livre de sua parte equina, isso aconteceria na cidade. A cidade também é o lugar onde ele acha que seria mais facilmente que o campo, pois na cidade as pessoas estão mais acostumadas com “estranhezas”.

O centauro, embora seja uma obra claramente recheada de elementos judaicos, pode ser vista, também, pelo viés universal como uma conseqüência das crises de identidades que todas as pessoas sofrem, dos problemas advindos em relação com a identidade, dos preconceitos sofridos em função de possuir ou não tal identidade. Portanto, o centauro também é uma faceta do homem moderno e a sua crise de identidade.

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra. (SILVA, 2009, p. 32)

O centauro também, ao mesmo tempo em que é o causador de problemas, é o solucionador dos mesmos. Pois se é rejeitado em determinados lugares por ser

centauro, é aceito em outros justamente por ser centauro. Esse relacionamento pode ser visto explicitamente nas relações familiares de Guedali.

Guedali, ao nascer, passa a gozar do afeto de suas irmãs, que gostam de estar com ele, de brincar com ele, mas seu irmão, Bernardo, não gosta dele exatamente por isso, tem ciúmes do seu irmão centauro, pois para ele, o que faz com que suas irmãs gostem de Guedali é exatamente em virtude da sua diferença, da sua metade cavalo.

As duas meninas – a sensível e meiga Débora, de doze anos, a travessa e esperta Mina, de dez – cuidam de mim. Gostam de me fazer rir, gostam de brincar com meus dedos, chegam até a esquecer o corpo grotesco; não por muito tempo, porque os movimentos nervosos das patas as trazem de volta à realidade. Coitadinho, suspiram, não tem culpa. Bernardo também me reconhece como irmão. Mas tem ciúmes, sente que, apesar de monstruoso, mobilizo a atenção de todos. E chega a me invejar: também ele queria ter quatro patas, se é esse o preço a pagar pela afeição das irmãs (SCLIAR, 2004, p. 27).

A relação de amizades de Guedali, assim como ele mesmo, também são duais, pois ao passo em que ele tem dificuldades de fazer amigos, de se relacionar com outras pessoas, de desenvolver um vínculo fraternal com as pessoas, é exatamente o fato dele ser centauro que fará com que ele se relacione com Pedro Bento, pessoa que passará de amigo a vilão. É exatamente sua condição de diferente que fará com que ganhe um amigo, mas que essa mesma situação fará com que perda um amigo.

Pedro Bento volta mesmo, todos os dias. Puxa conversa comigo, respondo por monossílabos. Mas começo a gostar dele. É simpático, conta histórias interessantes. Será ale meu primeiro amigo? Será para mim o que Peri não foi? Um dia me convida para um passeio no campo. Ele, como de hábito, montado no Paxá, saímos trotando. Me parece diferente; excitado, os olhos brilhantes, não responde às minhas perguntas. De vez em quando solta um longo assobio. E de repente, ao passarmos pelo bosque, ele salta do cavalo, cai sobre meu lombo... Chorando, apavorado, corcoveio, rodopio, tentando me livrar dele. Não consigo. Acostumado a domar cavalos chucros, Pedro Bento aferra-se a meu pescoço, quase me estrangulando. Finalmente, dispara para casa. Ele agora se assusta. (SCLIAR, 2004, p. 43).

As relações sexuais de Guedali, também são vistas de maneiras favoráveis e desfavoráveis, pois ao mesmo tempo em que a grandeza de seu membro é vista, por exemplo, pelo pai de Guedali, como um empecilho para que ele venha a se

relacionar com uma garota judia de boa família e de maneira normal e natural, é essa robustez e grandeza que fará com que venha a ter sucesso com a centaura Tita e também com a esfinge Lolah.

Fixa-se sobretudo no grande pênis – pênis circunciso, mas de cavalo. Que mulher (mulher; de nenhuma outra fêmea meu pai cogita. De égua, por exemplo, nem pensar. Para meu pai, sou homem; homem com apêndices anormais, mas homem) o aceitará, pergunta-se, que mulher deitará com ele? Uma prostituta, talvez: uma bêbada, uma louca, uma tarada. Mas uma moça de boa família judaica? Nunca, conclui meu pai, com um aperto no coração. Nunca: desmaiariam só de vê-lo. (SCLIAR, 2004, p. 39)

Seu pênis descomunal também impede que ele tenha relações sexuais com a domadora do circo, pois não consegue penetrá-la.

- Vem amor – sussurra. Vem, centauro querido. As patas fletidas, inclino-me sobre ela e beijo-a, beijo-a como um doido – a boca, os seios, as coxas. Ai, tu me deixas louca, geme, louca, louquinha! Anda, amor, vem logo. Sai desse couro e vem. E então – avalanche descendo a montanha, torrente rompendo as comportas – atiro-me sobre ela e já não vejo mais nada. Confusamente percebo que grita por socorro – me acudam, ele está me atacando, é um monstro – subjugo-a, tapo-lhe a boca, tento penetrar, não consigo, ejaculo em suas coxas, tombo para o lado, exausto. Ela pula da cama e foge, gritando sempre: é um cavalo! Um cavalo de verdade! (SCLIAR, 2004, p. 74).

Mas o fato de Guedali possuir um membro avantajado, na relação com Tita, que assim como ele era meio humana e meio animal, fez com que a relação funcionasse, pois ela, ao possuir um membro de uma “égua”, certamente não se satisfaria sexualmente com um membro humano, bem menor em relação ao membro do cavalo.

Quero fazer amor como as pessoas fazem, como vi em meus livros; mas não é possível, *é muito volume, muito corpo; muita pata* [grifo meu]. Termino por montá-la – nesse movimento bato com a cabeça no teto do rancho, chego a furar a palha – me inclino para frente, abraço-a por trás, tomo-lhe os seios nas mãos, murmuro-lhe palavrinhas ternas aos ouvidos; e, suavemente, penetro-a. É bom, ela geme, é muito bom – os grandes corpos estremecendo de prazer. (SCLIAR, 2004, p. 84).

O fato de Guedali ser avantajado também funcionou bem também no caso extraconjugal que ele teve com Fernanda, mulher de Pulo, ambos amigos da família.

Levei-a para trás da fonte, nos deitamos, levantai-lhe o vestido, acariciei-lhe as coxas – estremeci, era pele que eu tocava, pele macia, não couro -, abri o fecho das calças, saquei o pênis. Como

você é grande, ela murmurou, e eu me lembrei da domadora, me deu medo: e se ela começasse a gritar? Mas não, não gritava: gemia de prazer, eu gemia junto, a água marulhando na fonte. (SCLIAR, 2004, p.139)

-Não me leva a mal, Guedali, mas essa tua mulher, essa Tita, é meio grossa, não te parece? Tem jeito de caipira. Acho que nem sabe apreciar o marido que tem... Porque você é ótimo, Guedali. Como homem você é fora de série. Será que tua mulher sabe disso? (SCLIAR, 2004, p. 141)

A mesma relação de amor e ódio fez com que o fato de ser diferente, estranho e grotesco não apenas o levasse a ser aceito para trabalhar em um circo, como também o transformou na pessoa cuja atração era a melhor e a mais rentável para o circo, mas assim como ser centauro o fez ser bem sucedido, ser centauro também fez com que tivesse de abandonar o trabalho no circo.

É interessante notar como o corpo aqui exerce um papel fundamental na identidade da personagem Guedali, pois, para Silva, o corpo é exatamente um dos locais envolvidos no estabelecimento de quem as pessoas são, servindo de base, principalmente, para a identidade sexual (p.15), pois é principalmente nas descrições das relações sexuais de Guedali que ele é apresentado de maneira animalesca, grosseira e rude, como que se a parte eqüina de seu corpo estivesse ali para lembrá-lo dessa sua natureza ao passo que, quando ele está refletindo ou estudando, é apresentado da maneira mais humana e, em muitas vezes, com um alto grau de cultura e intelecto.

A alegoria do centauro também é a relação entre o judaísmo e o não judaísmo. A parte eqüina, representando a parte judia, e a parte humana representando a parte não judia, o aspecto gentio. Nesse aspecto, Moacyr não é o primeiro a mencionar um ser metade homem e metade animal para descrever essa relação de estranhamento enfrentado pelos judeus quando em contato ou inseridos em outra comunidade.

A dualidade, entretanto, nem tão óbvia quanto à alegoria do centauro como o embate entre o judaísmo e o gentilismo, é o fato de que Guedali, como judeu, tem problemas dentro do judaísmo. Embora tenha nascido de mãe judia, tenha sido circuncidado, tenha feito o bar-mitzvá, tenha feito preces e até mesmo ido a Jerusalém, ele não é visto como igual pelo seu próprio povo.

Guedali, ao nascer, enfrenta grande oposição para ser aceito pela sua própria mãe. É visto com desconfiança pelo *mohel*<sup>11</sup>. É tido como diferente e suspeito por fazer seu bar-mitzvá não em uma sinagoga, como todos o fazem, pelo menos como regra geral, mas que acaba o seu em casa.

A circuncisão, ato de inicialização de um menino no judaísmo, é considerada pelos judeus como um dos ritos mais importantes, alegres e festivos, mas é exatamente o oposto que acontece para com Guedali. Aquilo que deveria ser vivido e experimentado como um evento de celebração, para ele é uma tortura, um desastre.

Meu Deus, geme o *mohel*, deixando cair a bolsa e recuando. Dá meia volta, corre para a porta. Meu pai corre atrás dele, segura-o: não foge, *mohel*, tentando soltar-se das mãos fortes do meu pai, não tenho obrigação de fazer a circuncisão em cavalos! Não é cavalo, berra meu pai, é um menino defeituoso, um menino judeu! (SCLiar, 2004, p. 29).

A alegoria do centauro também tem papel importantíssimo para a compreensão do processo de aculturação e assimilação das personagens duais, pois o corpo, à medida que é transformado, como por exemplo resultante de decisão tomada por Guedali para arrancar certas partes de seu corpo, e se transforma voluntariamente, ele retrata fisicamente as mudanças sofridas, da aculturação à assimilação.

A operação de Guedali é como um exemplo do processo de aculturação, pois embora ele tenha perdido certas características de sua parte eqüina, ele não a perde por completo, mas a perda dos elementos eqüinos restantes, dando lugar a um corpo humano, corresponde à assimilação, pois agora já não há fisicamente nem um único resquício e/ou prova de que aquele corpo humano outrora fosse eqüino.

Os cascos se abriram alguns dias depois daquela penosa corrida noturna. Não continham outros cascos, e sim pés mesmo, pequenos e delicados como os pés de um bebê. Nos primeiros dias estavam tão sensíveis que nem pude caminhar. Eu já estava de cama, e continuei de cama, Tita me fazendo fricções com areia na sola dos pés, procurando estimular o desenvolvimento de uma camada córnea nele. Aliás, os cascos dela também já mostravam rachaduras, mais dia, menos dia estarás de pés novos, eu dizia, gemendo de dor, enquanto tentava andar sobre um tapete macio. Por fim me habituei

---

<sup>11</sup> Pessoa encarregada e treinada para realizar a circuncisão.

a caminhar e pude ir, de chinelos, comprar sapatos. Foi com emoção que enfiei as meias e os sapatos (muito bons, feito sob medida por um especialista, que me olhou, curioso, mas não perguntou nada). Mas não era a mesma emoção dos primeiros passos dados na clínica. Foi inclusive com uma certa indiferença que, aquela noite, queimei as botas na lareira. O momento marcava o fim de minha dependência do médico marroquino – a quem eu não deixava de estar grato. Precisamos visitar esse homem, eu disse a Tita. (SCLIAR, 2004, p. 158).

A metamorfose de Guedali é, nesse sentido, contrária à realizada na majestosa obra de Kafka em que Gregor Samsa, uma personagem totalmente humana passa a se metamorfosear em um inseto. Enquanto Gregor faz o percurso corpóreo de cem por cento humano para cem por cento inseto, Guedali faz o caminho corpóreo de metade humano e metade animal a cem por cento humano, o que mostra que, ao nascer, Guedali já vem ao mundo com um problema identitário característico da pós-modernidade.

“... as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.” (HALL, 1998, 9)

Embora Guedali achasse em um primeiro momento que seu problema fosse unicamente corpóreo e externo, e, que ao resolver a problemática do corpo por intermédio de intervenções cirúrgicas e processos naturais que o humanizassem, o que corresponde à aculturação e assimilação, ele estaria resolvendo sua situação, ele então descobre que a questão é muito mais profunda e complicada do que apenas uma humanização corpórea, pois se internamente ele se sente centauro, eqüino, animal, o mesmo não se pode dizer de seu estado interno e psicológico.

A dualidade existencial que era evidenciada através de uma díade corpórea desaparece, mas o corpo, para ele, não corresponde à verdade, pois agora Guedali

é totalmente humano em termos corpóreos, mas sua mente e seus pensamentos são de centauro. A dualidade passa a ser que a realidade externa está em conflito com a interna.

Essas são algumas das alegorias possíveis acerca do centauro no livro *O Centauro no Jardim*, mas não as únicas, pois as possibilidades de interpretações são inúmeras e abundantes, e embora muitas alternativas tenham sido apresentadas, elas não estão esgotadas e essa é uma das grandes qualidades dessa maravilhosa obra.

### **3.2 CONSTRUÇÃO ROMANESCA DA NARRATIVA**

A estrutura do romance em *O Centauro do Jardim* começa com a celebração do trigésimo oitavo aniversário de Guedali, que, em companhia dos amigos, está em um restaurante chamado O Jardim das Delícias, uma provável referência ao quadro O jardim das delícias terrenas de Hieronymus Bosch, onde conversa com uma moça, e enquanto conversa Guedali começa a recordar sua vida, e a partir daí conhecemos sua história.

Guedali é nome dado ao centauro que é a personagem principal da obra em questão. O nome, na cultura judaica, é extremamente importante, pois se acredita que o nome define a identidade da pessoa, sendo sua força vital, e por isso, em muitos casos há também a necessidade de uma mudança de nomes para que haja uma mudança de identidade, comportamento e sorte daquela pessoa. No livro de Gênesis, por exemplo, D'us muda o nome de Abrão para Abraão, o de Sarai para Sara e o de Jacó para Israel.

O ato de nomear uma criança possui até uma celebração nas comunidades judaicas. Os meninos recebem os seus nomes na brit milá (circuncisão), ato em que o menino passa a fazer parte do pacto abraâmico, e as meninas recebem os seus nomes na primeira oportunidade de leitura da Torá.

Nesse sentido, o nome da personagem Guedali não é escolhido por acaso, mas há um motivo de ser. Guedali, de acordo com as traduções da Tanakh para o português, é Gedalias.

Na Tanakh há cinco personagens com o nome de Gedalias cujo significado é Jeová é Grande. Dentre os cinco personagens, o mais conhecido é Gedalias, filho de Aicão e neto de Safã, secretário do rei Josias, como podemos ver em Jeremias 40.9. Ele foi o judeu indicado pelas autoridades babilônicas para administrar o território judaico que estava sob o domínio babilônico desde o ano de 606 AEC. Era um homem bastante realista e colaborava com a nação dominante com a visão de que a colaboração com os babilônios era a maneira mais acertada para que não houvesse a assimilação dos dominados, no caso, os judeus. Gedalias veio a ser assassinado e em memória ao assassinato e da tragédia que abateu o povo judeu em consequência disso, sua morte é lembrada até os dias de hoje naquilo que é conhecido como o jejum de Gedalias<sup>12</sup>. Gedalias é, portanto, o símbolo de uma pessoa que acredita que a colaboração com a cultura dominante é a maneira mais correta para que haja a preservação, e neste sentido, Gedalias é muito parecido a Guedali, pois como veremos futuramente, essa foi a mesma postura adotada pela personagem para a sua “preservação”.

A data do capítulo inicial livro é 21 de setembro de 1973, data esta quando Guedali então faz trinta e oito anos. A narrativa é contada a partir do passado, mas embora a narrativa seja uma reconstrução de sua própria vida, ela não é feita única e exclusivamente de relatos de acontecimentos passados, pois há elementos da história presente, que são descritos, uma espécie de antecipação de fatos que serão futuramente descritos com uma maior precisão de detalhes, como uma antecipação de certos fatos.

A história, portanto, começa com uma mistura, uma dualidade de tempos da vida do narrador e personagem principal da narrativa. A história, desde o primeiro capítulo, é contada com uma mescla de eventos passados e de eventos presentes.

O segundo capítulo, datado de 24 de setembro de 1935 a 12 de setembro de 1947, começa fazendo explícitas declarações acerca das memórias do narrador.

As primeiras lembranças, naturalmente, não podem ser descritas em palavras convencionais. São coisas viscerais, arcaicas. Larvas no

---

<sup>12</sup> Tzom Guedaliahu (o Jejum de Gedalias). Tem lugar no dia que se segue a Rosh Hashanah (o Ano Novo judaico), e é observado pelos judeus ortodoxos em memória de Gedalias, apelidado 'O Virtuoso'.

âmago da fruta, vermes movendo-se no lodo. Remotas sensações, vagas dores. Visões confusas: céu atormentado sobre mar encapelado; entre nuvens escuras, o cavalo alado deslizando majestoso. (SCLIAR, 2004, p.13)

As declarações acerca da memória já deixam claramente para o leitor que o que virá a seguir não é digno de confiança, afinal, ele está fazendo uma reconstrução do seu passado, voltando trinta e oito anos de sua vida. E ao fazer isso, ele coloca em questão se o fato contado a partir de sua memória pode ser realmente digno de confiança, pois, o próprio esquecimento faz parte do processo da memória.

De início e maciçamente, é como dano à confiabilidade da memória que o esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse espectro, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento. Heródoto ambiciona preservar do esquecimento a glória dos gregos e dos bárbaros. E nosso famoso dever de memória enuncia-se como uma exortação a não esquecer. Porém, ao mesmo tempo, e no mesmo movimento espontâneo, afastamos o espectro de uma memória que nada esqueceria. Consideramo-la até mesmo monstruosa. (RICCEUR, 2007, p.424).

As lacunas, os espaços e tudo mais que falta na questão da memória de Guedali, na tentativa de reconstituir sua vida poderiam ter um facilitador, pois ele poderia contar com a ajuda de alguém que, tendo sido testemunha ocular dos momentos mais importantes de sua vida, poderia fazer o papel de pessoa a preencher as lacunas e os espaços causados pelo esquecimento de sua memória, mas, se a alternativa é interessante, Moacyr Scliar consegue fazer dela algo ainda mais doloroso, pois se não houvesse testemunhas, Guedali poderia tentar esquecer o fato ou se conformar com o fato de que sua memória o traiu, mas existem pessoas que testemunharam sua situação, mas que, em vez de agirem como solucionadores do problema, só o agravam, como no caso da participação de seu pai na história, que reconhece que o filho enfrentou dificuldades no passado, mas que, de maneira consciente, resolve não colaborar com o filho.

Eu tinha muito a conversar com o meu pai... Eu queria ouvir. Queria descobrir coisas. Era feliz o menino-centauro Guedali? Mias feliz que o Guedali bípede, ou menos feliz? Se menos feliz (ou, poderia se dizer, mais infeliz), porque minha ânsia incontida de galopar, a busca incessante de algo que eu nem sabia bem o que era? Se mais feliz

(ou, menos infeliz), o que fazer para reverter a história natural de minha desgraça, para recuperar a felicidade perdida? E qual seria o segredo dessa felicidade dos centauros, se é que existia? Porque Tita preferia um deles a mim? (A esta última questão meu pai não poderia responder diretamente. Mas poderia, isso sim, fornecer-me elementos para que eu próprio a respondesse). Para me fazer compreender, meu pai teria de recuar muito no tempo. Teria de voltar às raízes. Teria de falar sobre sua vida na Rússia, e dos cavalos negros dos cossacos; e da vinda para o Brasil; e de seus primeiros tempos na colônia; e da noite do meu nascimento (existiria ou não um cavalo alado?); e dos primeiros passos. Dávamos longas caminhadas, eu fazendo perguntas, ele teimosamente se recusando a responder: esquece, Guedali, agora está tudo bem. Tiveste problemas, sim, mas quem não teve problemas? Estás curado, esquece. (SCLIAR, 2004, p. 195).

Guedali, ao possuir um problema identitário, tenta reconstruir e reafirmar sua identidade, mas ao fazer isso, ele pode é estar recriando uma nova identidade.

Os sérvios, os bósnios e os croatas tentam reafirmar suas identidades, supostamente perdidas, buscando-as no passado, embora, ao fazê-lo, eles possam estar realmente produzindo novas identidades (SILVA, 2009, p. 11)

A questão da memória já é um elemento por si só complicador no sentido de se acreditar naquilo que está sendo contado pelo livro, mas como se não bastasse isso, outro elemento, logo de início, se apresenta dificultando e ofuscando ainda mais a veracidade dos fatos; Guedali está bêbado, e isso é relatado duas vezes no capítulo introdutório do livro.

...Sinto-me inseguro. Tenho medo de ficar de pé. Temos que as pernas não me sustentem: a verdade é que ainda não aprendi a confiar nelas. Os bípedes não têm a firmeza dos quadrúpedes. Além disso, estou bêbado. Um brinde atrás do outro – ao aniversariante, à esposa do aniversariante, aos filhos do aniversariante, aos amigos do aniversariante, aos pais e irmãos do aniversariante, à empresa de exportação do aniversariante, à fazenda do aniversariante, ao Internacional, clube do aniversariante – e o vinho me foi subindo... Tita me dirige um olhar de advertência. Não é ciúme. Sabe que estou bêbado, teme que eu fale bobagens, que conte histórias absurdas. Antes da operação era mais sensato, costuma dizer. (SCLIAR, 2004, p.11,12)

A própria descrição do fato de Guedali estar bêbado também corrobora para outra dualidade, pois a partir da narração, não temos plena certeza se Guedali não se sentia seguro em ficar de pé por estar bêbado ou por achar que o homem, bípede, não tivesse a mesma firmeza que os cavalos, quadrúpedes.

Assim, portanto, começa a narrativa de Guedali, um homem de trinta e oito anos que recorre à memória para tentar entender sua identidade, que não conta com a ajuda de seu pai nessa reconstrução de memória e que, acima de tudo, está alterado em virtude de ter ingerido vinho em excesso.

Se não bastasse o fato do romance ter como premissa de sua construção a memória, terreno movediço e incerto, aliado a isso, a obra também possui os seus elementos do fantástico ou realismo mágico.

A literatura fantástica, elemento que o próprio autor em diversas palestras e seminários admite ter sido uma influência na confecção desta obra, também acrescenta outro elemento que cria um sentido inconclusivo em relação à veracidade dos fatos.

O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural... No verdadeiro fantástico, fica sempre preservada a possibilidade exterior e formal de uma explicação simples dos fenômenos, mas ao mesmo tempo esta explicação é completamente privada de probabilidade interna (citado por Tomachévski, p. 288) Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meios de causas de tipo natural e sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito do fantástico. (TODOROV, 2008, p. 31)

A tessitura narrativa, assim como o corpo do centauro, que é dual, possui suas dualidades, pois é feita a partir de um contar e descontinuar, de uma criação e destruição, de um encantamento e não encantamento, mostrando na própria narrativa os elementos centaurescos.

Guedali, no início do livro, ao descrever certas qualidades de Tita, sua esposa, a descreve como fiel.

Há mulheres pervertidas, ele sabe, capazes de fazer amor com qualquer criatura, com um cavalo também, mas sua Rosa não é dessas. É uma mulher boa, simples, que vive só para o marido e para os filhos. Trabalhadora incansável, dona-de-casa dedicada. E fiel, muito fiel. Um pouco revoltada, irritadiça, mas bondosa, sábia. E fiel. (SCLIAR, 2004, p. 19)

Mas essa fidelidade é contrastada com outras narrativas que são totalmente contrárias à descrição de fidelidade da esposa.

Olham-se. Tita não parece assustada, nem surpresa, é como se o esperasse. Sorri, ele sorri também. Ela o toma pela mão, leva-o para o desvão sob a escada. Ali ficam conversando baixinho, horas, contam-se suas histórias. Antes de ir, ela o beija. Um beijo no rosto, carinhoso, mas já é amor. Está apaixonada pelo rapaz. À tarde, dá folga às empregadas, desce à adega. É ali, no escuro, que eles se amam. Ali, como é bom, ela geme, e quer mais e mais... Não há dúvida: está mesmo apaixonada pelo rapaz. Uma coisa avassaladora. Esqueceu-me, esqueceu nossos filhos, tudo. Só tem olhos para o centauro. Sinto que é preciso fazer alguma coisa, e rápido, porque... (SCLIAR, 2004, p. 167,168).

Até mesmo o amor que ela “supostamente” sente por ele é visto de maneira ambígua.

Nunca gostou de nenhum outro; nunca pensou em nenhum outro. O pai lhe dissera, vais casar com o filho do Tartakovsky, é um bom rapaz. Pronto: seu destino fora traçado. Quem era ela para discutir? (SCLIAR, 2004, p.20)

Como poderia ela jamais ter gostado de outro homem, uma vez que seu casamento foi arranjado e ela não teve como fazer objeções? Não dava para lutar contra uma instituição que regulava o arranjo de casamentos entre famílias há séculos. E ainda que, se ela gostasse dele, ou viesse a gostar dele, mesmo fazendo parte de um casamento arranjado, ela teria tido um caso com outro centauro, conforme descrito acima.

Ainda em relação à vida matrimonial do casal, a ambigüidade permanece, como demonstra um diálogo entre Guedali e sua mãe em relação à vida conjugal dele e de Tita:

- Mas vocês estão ou não separados? – Estamos e não estamos, mamãe. É problema nosso. - Como, estão e não estão? Não existe isso. Estão e não estão! Ou estão, ou não estão. Se estão, façam a coisa direito, com desquite, divórcio, se i lá. Agora, se não estão – façam as pazes! (SCLIAR, 2004, p. 197)

A adoração que o pai de Guedali tinha pelo Barão Hirsch, no começo do livro era de uma total veneração, no final, é de ódio.

Meu pai insiste em ficar. Porque Leão? – pergunta minha mãe. Por que essa teimosia? Porque o Barão Hirsch confia em nós, ele responde. O Barão não nos trouxe da Europa para nada. Ele quer que a gente fique aqui, trabalhando a terra, plantando e colhendo, mostrando aos góim que os judeus são iguais a todos os outros povos. Homem bom o Barão. (SCLIAR, 2004, p.14)

(Pensei que meu pai mencionaria o Barão Hirsch, mas ele não o fez. Na realidade, à medida que ficava mais velho, sua devoção ia se transformando em ressentimento e até ódio. Muitas vezes, falando sozinho – o que agora acontecia freqüentemente –, xingava o antigo ídolo: não amola, Barão! Não enche o saco, Barão! (SCLIAR, 2004, p. 199)

Quando Guedali nasceu, seu pai achou que o problema do menino pudesse ser de ordem médica, e nesse sentido, ainda que relutante, permitiu que um médico viesse até a sua casa para examinar seu filho, esperançoso de conseguir uma cura para a situação do filho. Quando o médico viu do que se tratava, percebeu ali uma grande oportunidade; a publicação de uma matéria em um periódico médico que lhe viesse a trazer fama e reconhecimento, mas para tal, em se tratando de um artigo científico, ele deveria, claro, possuir provas da existência de um centauro. O Dr. Oliveira chegou a tirar fotos de Guedali, mas o resultado foi dicotômico.

(Manda revelar as fotografias em Porto Alegre. Não saem boas; tremidas, desfocadas; o que é pior: não aparece bem a metade inferior do corpo. Percebe-se que a partir da cintura há algo diferente, mas não se distingue bem o quê. O médico, desapontado, vê que não pode usar as fotos. São inconclusivas, não provam nada. Se publicar um artigo com tais ilustrações, será seguramente acusado de mentiroso. Termina jogando as fotografias no lixo. Mas guarda os negativos) (SCLIAR, 2004, p. 26).

E a dualidade da descrição prossegue, pois se realmente acreditasse que as fotos não poderiam ser jamais utilizadas, qual seria o motivo de manter consigo os negativos? Ao mesmo tempo que as fotos existem, ou seja, são provas, elas não conseguem provar nada.

Dos relatos duais, que são inúmeros, um dos mais interessantes no início do livro, é o que descreve a circuncisão do infante Guedali, pois a circuncisão exige que haja três testemunhas, o sandak, pessoa responsável por segurar a cabeça da pessoa que está passando pelo ritual, nesse caso o Guedali, o mohel, pessoa responsável pela operação, e o pai da criança, mas nesse caso, não havia essas testemunhas, o que para determinados segmentos do judaísmo até mesmo invalidariam o rito.

Meu pai atrela a égua à charrete – que só é usada nestas ocasiões especiais – e vai à cidade em busca do mohel, o homem que faz as circuncisões. Diz que teve um filho e, sem entrar em detalhes (sem dizer que o menino é um centauro), pede que o ritual seja realizado naquele dia mesmo: o prazo prescrito pela Lei já se esgotou. E a cerimônia terá de ser feita na fazenda, pois a mãe da

criança, adoentada, não pode viajar. O mohel, um homenzinho corcunda, que pisca sem cessar, ouve a história com crescente desconfiança. O caso não lhe cheira bem. Meu pai insiste: vamos logo, mohel, a viagem é comprida. E as testemunhas, pergunta o mohel (explicar o mohel pó nota de rodapé. Infelizmente não consegui testemunhas, diz meu pai, teremos de fazer a circuncisão sem testemunhas mesmo. Não há testemunhas? O mohel não está gostando nada do assunto. Mas conhece o meu pai há muito tempo, sabe que é homem de confiança. (SCLIAR, 2004, p.28)

Guedali, na sua ansiedade por ser aceito na sociedade, entre os amigos, de não ser visto como um estranho, uma aberração, decide por fazer uma operação para ficar cada vez mais humano e, conseqüentemente, cada vez menos animal e eqüino, e encontra um médico que se dispõe a fazer a cirurgia. Após a cirurgia, os restos eqüinos que um dia pertenceram a Guedali, são dados aos nativos do local, que usam o material para confeccionar determinados instrumentos. Logo, os instrumentos, se existissem, poderiam, ainda que de maneira dúbia, serem utilizados como provas de que Guedali um dia fora um centauro, mas, mais uma vez, as supostas provas são desfeitas.

Esse tambor – disse – foi feito com o seu couro, senhor Guedali. Os nativos devolveram. Disseram que o couro não era de boa qualidade, que se esgarçava. Devolveram também o espanta-moscas, esse não sei onde está. O senhor não quer ficar com este interessante souvenir? Por uma módica quantia será seu. Dei-lhe o dinheiro, mas pedi que queimasse o tambor. Não quero nada que me lembre o passado, expliquei. (SCLIAR, 2004, p.161)

O médico que realizou a cirurgia em Guedali é marroquino e sua clínica também fica no Marrocos. Logo, a viagem de Guedali ao Marrocos seria, de certa forma, uma prova de que ele teria isso para aquele país para se submeter a uma cirurgia humanizadora, pois não haveria outro motivo para ele ir até Marrocos. Mas a narrativa, sempre aberta a interpretações, apresenta uma segunda possibilidade, a de que Guedali, como empresário, viajou a Marrocos por ter lá diversos contatos comerciais e não por motivos de saúde.

Guedali também veio a ter um caso extraconjugal com Lolah, uma esfinge que ele conhece na clínica de Marrocos, mas esse caso, como vamos ver, também é apresentado de maneiras diferentes, sendo a primeira relatada pelo próprio Guedali e a segunda versão narrada por sua esposa, Tita.

Eu já tinha visto grandes felinos, e até de perto, no circo, eu já tinha segurado gatos no colo, mas não tinha nunca tocado numa leoa.

Que... que voluptuosidade. O grande corpo parecia carregado de eletricidade, o pêlo macio se arrepiava ao toque, poderosas massas musculares deslizam sob a pele como coelhinhos alvoroçados sob um tapete, a cauda enrolava-se toda, tensa, vibrátil. Voltou a cabeça para mim, me olhou. O desejo que subia daquele corpo poderoso, engolfava-a, via-se, mal podia suportá-lo: havia angústia em seus olhos, paixão sim, mas angústia também, nas narinas dilatadas e nos dentes que reluziam. – Vem – sussurrou. Eu tremia tanto que mal consegui tirar a roupa. Houve um momento de hesitação, um momento terrível: ela continuava deitada, como fazer? Mas eu sabia, algo dentro de mim sabia. Aproximei-me por trás, deitei-me sobre ela. Abraçando-lhe o busto, beijando-lhe esfomeado o pescoço, penetrei, cobri-a como os leões cobrem as leoas, ela me mordida os braços como as leoas mordem os leões. E gemia, e gritava; tanto, que tive de lhe tapar a boca, não fosse o médico ouvir. A cópula foi rápida; o orgasmo, tremendo. Montanhas da Tunísia! O que foi aquele orgasmo, montanhas! (SCLIAR, 2004, p. 188)

Nesse meio tempo Guedali envolve-se num *affaire* com a enfermeira da clínica, uma misteriosa tunisina chamada Lolah. É dessa mulher que Guedali recebe o amuleto, a pata de leão mumificada. (SCLIAR, 2004, p.229).

Guedali, narrador da obra, uma espécie de autobiografia, começa a narrar os eventos de sua vida no capítulo intitulado: “São Paulo: restaurante tunisino Jardim das Delícias, 21 de setembro de 1973”.

O Jardim das delícias, nome do restaurante em que Guedali relembra a história que é narrada no livro, é um dos nomes de locais que trazem uma ambigüidade em relação ao próprio título da obra, pois o leitor jamais sabe ao certo se o título faz uma referência ao fato de o centauro estar no restaurante Jardim das Delícias ou se faz menção ao jardim da casa do centauro.

A partir daí, das lembranças evocadas pelo narrador, tudo o que ouvimos é uma única voz, um único narrador, que conflitante em si mesmo, apresenta em grande maioria dos eventos narrados, duas explicações, origens ou causas para um mesmo fato, mas embora a narração seja dual, ela é feita a partir de uma única pessoa. Guedali não divide o seu espaço de narração com outras pessoas, tudo o que é dito é narrado a partir de sua memória, de suas experiências, de seus medos, traumas, ansiedades, mas toda essa mescla de sentimentos é oriunda de uma única pessoa, Guedali.

Guedali narra, do primeiro capítulo até o décimo primeiro capítulo sozinho, sem interrupções, sem mescla de vozes, sendo as únicas vozes as suas próprias.

Narra da página sete à página duzentos e treze, sem interferências, é o dono da história em mais de noventa por cento do material escrito do livro, mas essa autonomia não permanece no último capítulo.

O último capítulo do livro é o mesmo, ou melhor, tem o mesmo título do primeiro capítulo do livro e intenciona fazer as mesmas coisas que o primeiro capítulo; apresentar os problemas vividos por Guedali, mas a diferença é que nesse capítulo Guedali já não está sozinho, sua participação já não é mais solo, mas agora ele é obrigado a dividir o palco com sua esposa, Tita, que, ao contrário dele, apresenta sempre outra versão para os fatos.

O agravante desse caso é que as versões de Tita são, na esmagadora maioria, conflitantes com as de Guedali, e não apenas isso, as explicações dela são mais curtas, mais secas, mais diretas, mas ao mesmo tempo, são mais racionais, mais verossímeis, fazem mais sentido.

Na estética, da mesma forma que uma operação foi realizada para arrancar determinada parte eqüina de Guedali, assim também acontece com a estética do livro, pois o autor, ao dar voz para Tita, é como se operasse Guedali, que arrancasse algo dele, sua enunciação, e não apenas isso, pois sua memória também é afetada, de maneira que ela altera não apenas o presente de Guedali, mas também seu passado, tudo aquilo que Guedali era, ou pensava ser, fica em ruínas, destruído.

O parto de Guedali, ao contrário do que ele diz, não foi difícil pelo fato de ele ser centauro, mas sim porque ao nascer, não foi sua cabeça que desceu primeiro, e sim os pés, e não patas.

A mãe de Guedali teve sim, uma depressão pós parto, mas ela não foi causada pelo fato de ter dado a luz a um menino centauro.

O mohel, que de acordo com Guedali recebeu bebida de seu pai para poder fazer a cirurgia no centauro, na verdade, estava bêbado, e em virtude da bebida teve alucinações e dizia estar realizando uma operação em um centauro, mas tudo isso em decorrência do efeito do álcool.

Guedali nasce e cresce em uma fazenda. Os seus pés são levemente eqüinos, fato que o obriga a fazer uso de botas, ou seja, ele não as usou para esconder suas patas ou em decorrência de cirurgia para ficar mais humano e menos animal.

Guedali é um excelente cavaleiro, aprende a tocar violino, e por ser exímio cavaleiro e ótimo músico, consegue tocar violino ao mesmo tempo em que cavalga, portanto, jamais houve um centauro que tocasse violino, mas sim um menino montado à cavalo que tocava violino.

O ódio que o irmão Bernardo tem de Guedali, não é porque suas irmãs gostam mais dele pelo fato de ele ser centauro, mas o ódio nasce em consequência do comportamento instável de Guedali.

Pedro Bento, filho de um fazendeiro vizinho de Guedali, quando criança, foi rival de Guedali, e, em certo momento da infância, fez com que Guedali ficasse de quatuos, como se fosse um cavalo, e Pedro Bento montou sobre ele, indo à forra sobre Guedali. Esse evento marcou muito Guedali, fato que fez com que sua família viesse a mudar do local, portanto, a família de Guedali não se mudou porque Pedro Bento havia descoberto o segredo de Guedali, mas sim para evitar futuros problemas.

O bar-mitzvah de Guedali é realizado em casa, e não na sinagoga, não porque seria uma dificuldade esconder a parte eqüina de Guedali para os presentes na cerimônia, mas sim em virtude dele ser um jovem tímido e de poucos amigos.

A formação educacional de Guedali foi feita por correspondência, não por ele não poder ficar entre os alunos de uma escola de maneira que estes viessem a descobrir seu segredo, mas em função dele não querer freqüentar o colégio, mesmo que isso contrariasse a vontade de seus pais.

Ao se apaixonar pela primeira vez, Guedali jamais teve coragem de se declarar à mulher de quem gostava, mas isso em virtude de sua timidez e falta de coragem, sendo por essa razão o motivo de utilizar um telescópio para vê-la, coisa que fazia de longe, pois não tinha coragem de se aproximar dela e revelar o sentimento que sentia a seu respeito.

A segunda experiência amorosa de Guedali, com a domadora do circo, não deu certo em virtude dele ser muito jovem e inexperiente, e afoito para relacionar-se sexualmente com ela, deita sobre a mulher e tenta possuí-la a força, fazendo com que ela grite por ajuda e que o chame de cavalo em virtude de sua grosseria e falta de modos, não porque ele fora realmente um cavalo, mas foi apenas uma força de expressão.

A morte de Zeca Fagundes, pai de criação de Tita, aconteceu em virtude de um ataque do coração causado em virtude do susto que Guedali lhe proporcionou, não foi um ato heróico como o descrito por Guedali.

Guedali, um homem até então extremamente sadio, com o passar dos anos, passa a ter dores de cabeça graves, o que faz com que ele tenha comportamentos estranhos, tais como sair correndo pelo campo. Esse problema neurológico grave, um tumor cerebral, e é isso que faz com que ele tenha que ir ao Marrocos para passar por uma cirurgia. Na clínica em Marrocos, enquanto Guedali se recupera da cirurgia, Tita sofre um acidente. Um motorista descuidado acaba entrando com um furgão na clínica, fato que faz com que Tita tenha de ser operada às pressas, pois teve fraturas na bacia e nas pernas, sendo esse o real motivo pelo qual ela tenha usado botas ortopédicas e que, em virtude disso não ia à praia e nem na piscina.

Como vimos, Tita, no último capítulo, divide as versões da história com Guedali, que se mostra cada vez mais propenso e inclinado a aceitar a versão mais racional dos fatos de Tita do que a sua própria versão do que lhe aconteceu. Guedali perde o poder de narrativa, perde a autoridade que até então tinha, pois agora ele passa a dividir a tarefa de contar os fatos com sua esposa, perdendo seu lugar de enunciação, como explica Todorov: “Se perco meu lugar de enunciação, não posso mais falar. Eu não falo, logo não existo”. (p. 21.).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O Centauro no Jardim* de Moacyr Scliar é o ápice da representação em língua portuguesa da crise de identidade experimentada por todos os judeus da diáspora. Nela o autor, por meio de um centauro, ser mítico dual, metade homem, metade animal, expressa a condição de mundos diversos vividos pelos judeus.

O livro, por meio da personagem Guedali, exprime a crise identitária que é decorrente da vivência em mundos paralelos, impedindo que a personagem possa, de maneira completa, experimentar tais mundos, pois cada um dos mundos quer viver de maneira plena e autônoma, não em submissão ao outro mundo, de sorte que para viver a totalidade de um mundo é preciso a negação do outro, pois as duas metades não fazem um todo, são excludentes.

A personagem é, portanto, incompleta, vivendo parcialmente em mundos diferentes, e, ao assim fazer, experimenta o desenraizamento de culturas, uma sensação de não pertencimento a ambas culturas, levando a um estado de “nem-um-nem-outro”.

A metamorfose sofrida por Guedali, ao contrário de Gregor Samsa, do célebre livro *A Metamorfose*, de Kafka, que, assim como Scliar compartilha a herança judaica, é que Gregor se metamorfoseia involuntariamente, mas é Guedali, o centauro, quem decide metamorfosear-se de livre e espontânea vontade numa tentativa de ser aceito em uma das culturas em que vive. Mas ao fazê-lo, posteriormente, percebe que não o deveria ter feito, pois a sua natureza é dual, e então decide reverter corporeamente a metamorfose, mas não o consegue, e então a dualidade passa a ser experimentada apenas psicologicamente, pois ele, embora não possua mais o corpo de centauro, a sua mente jamais deixou de sê-la.

É o conflito identitário de Guedali que o leva à tentativa de aculturação, e, finalmente, à assimilação corpórea, mas é também esse mesmo conflito que o leva a perceber que a gênese de sua identidade é díade.

O centauro é a figura perfeita para expor os problemas de aculturação e assimilação, pois ao passo que a personagem começa a abrir mão de certos

elementos que compõe uma de suas partes, isso simboliza a perda, o processo em si refletido em uma mutação corpórea.

O centauro é, portanto, a alegoria dos diversos mundos e crises possíveis experimentadas por Guedali, a saber; homem versus animal, judeu versus gentio, mitologia grega versus mitologia gaucha, judeu asquenase versus judeu brasileiro, brasileiro versus gaúcho, campo versus cidade, cultura européia versus brasileira, dualidade facilitadora versus dualidade dificultadora, e corpo versus alma. Essas foram as dualidades apresentadas, mas as possibilidades de interpretação não estão esgotadas.

A obra, se tivesse sido apresentada apenas dessa maneira, não deixaria de perder sua genialidade, mas, Scliar, consegue ainda ser mais extraordinário estilisticamente, onde o texto também é um centauro. O texto começa apenas com um narrador que apresenta tudo de maneira dual, ou seja, o texto é centauresco e, nesse sentido, é fantástico. Mas, ao final do livro, o narrador perde sua exclusividade e passa a dividir a narração com Tita, sua esposa, que, ao contrário dele, apresenta os fatos de maneira racional, eliminando sua versão, e logo, o elemento fantástico.

A versão de Guedali e a versão de Tita atuam também, como um centauro, ambas querem viver, mas não podendo conviver harmoniosamente, de maneira que para a versão de Guedali prevalecer é preciso eliminar a de Tita, e vice-versa. As versões só existem através da eliminação da outra, logo, para que uma versão exista é necessário que a outra seja assimilada, assim como o percurso corpóreo do centauro Guedali.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTER, Robert; KERMONDE, Frank (org.) **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade – entrevista a Benedetto Vecchio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

DEUTSCHER, Isaac. (1970) **O judeu não-judeu e outros ensaios**. Trad. Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

GÊNESIS. In: **A BÍBLIA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

IGEL, Regina. **Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LANGE, Nicholas. **El judaísmo**. Madrid: Akal, 2000.

LOWIN, Joseph. **The Literature of the Jewish Idea**, em FRANK, Ruth S. & WOLLHEIM. W (orgs). **The Book of Jewish Books, A Reader's Guide to Judaism**, São Francisco: Harper & Row, 1986.

MACHADO, Cassiano Elek. **Morre Saul Bellow, Nobel de Literatura**. Disponível em <[http://www.scliar.org/moacyr/entrevista-estado\\_minas.htm](http://www.scliar.org/moacyr/entrevista-estado_minas.htm)>. Acesso em 10 de janeiro de 2010.

RICCEAUR, PAUL. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SCLIAR, Moacyr. **O Centauro no Jardim**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCLIAR, Moacyr & SOUZA, Márcio. **Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SILVA, T. T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.

VIEIRA, Nelson (Org.). **Construindo a imagem do judeu**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

ZILBERMAN, Regina e BERND, Zilá (orgs.). **O viajante transcultural – leituras da obra de Moacyr Scliar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.